

COORDENADORIA DO CURSO DE GEOGRAFIA

Memória familiar e paisagem: a importância de múltiplas narrativas para construção espacial.

Autora: Camila Ruas de Paula.

Orientador: Prof. Dr. Ivan Ignácio Pimentel.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI COORDENADORIA DO CURSO DE GEOGRAFIA

Memória familiar e paisagem: a importância de múltiplas narrativas para construção espacial.

Monografia apresentada à Coordenadoria do Curso de Geografia da Universidade Federal de São João del-Rei como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Geografia

Autora: Camila Ruas de Paula

Orientador: Prof. Dr. Ivan Ignácio Pimentel.

RESUMO

O espaço, tomando como base não só uma perspectiva acadêmica, mas também sua manifestação através dos indivíduos que estão inseridos na sociedade, pode ser percebido e vivenciado de diversas formas. A pluralidade de vivências e percepções espaciais se relaciona de forma direta com o grupo sociocultural e a localidade que tal indivíduo se sente pertencente ou não, propiciando assim experiências únicas que podem ser compartilhadas entre os mesmos de forma direta ou não. Assim, o pensamento hegemônico cultural que vem avançando em todo o globo de forma massiva ao longo das últimas décadas tende a desvalorizar as vivências locais e a reprodução cultural e de transição de saberes orais que se manifestam em tais espacialidades, a fim de invisibilizar identidades culturais que se manifestam em uma lógica local e que atuam como resistência à cultura hegemônica através da preservação da memória por meio da oralidade e de formas de conhecimentos não tradicionais. Podemos perceber a paisagem como fenômeno visual que apresenta diversos símbolos e significados culturais, estes que podem ser percebidos de formas distintas. A família, através de sua trajetória e da preservação memorial que acontece de diversas formas, tem a tradição oral como principal fonte de conhecimento, proporcionando não só ao indivíduo, mas ao grupo, uma forma semelhante e, de certa forma, comunitária de vivenciar e perceber o espaço onde vivem de forma sensível, sendo muitas vezes a base para a constituição de identidades culturais locais.

ÍNDICE DE FÍGURAS

Figura 1: Dona Jandira Ruas na orla norte de Porto Seguro-BA, em 7445
Figura 2: Vó Jandira Ruas e Vó Estércio Ruas com as filhas na praia de Porto Seguro, em 74
46
Figura 3: Vanuza Ruas em frente à Igreja Nossa Senhora da Pena, em Porto Seguro-BA47
Figura 4: Camila Ruas em frente ao Marco do Descobrimento, Porto Seguro-BA48
Figura 5: Camila Ruas e Vanuza Ruas em frente à Igreja de Trancoso, em 201949
Figura 6: Pedra Kaladão, localizada na BR-418, em 202150
Figura 7: Baiana atrás da Igreja de Nossa Senhora d'Ajuda, em 201551
Figura 8: Crianças indigenas de Coroa Vermelha trabalhando nas praias de Porto Seguro, em
2021

Sumário

INTRODUÇÃO	6
CAPÍTULO 1 - DIFERENTES NARRATIVAS CULTURAIS E O PROCESSO DE	
CONSTRUÇÃO ESPACIAL	10
1.1 Cultura e sociedade: Afastamentos e aproximações	10
1.2 Identidade e espaço: A perspectiva do lugar a partir da cultura	15
1.3 Espaço e simbolismo: a formação do espaço a partir do "eu"	19
CAPÍTULO 2 - MEMÓRIA COLETIVA E TRANSMISSÃO DE SABERES: A	
CONSTRUÇÃO ESPACIAL A PARTIR DA TRANSMISSÃO CULTURAL	24
2.1 A oralidade e a transmissão de saberes	24
2.2 A preservação da memória a partir da oralidade	30
2.3 Oralidade e cultura: as múltiplas narrativas e a sua importância para entendermos	0
espaço geográfico	34
CAPÍTULO 3 - A IMPORTÂNCIA DA MEMÓRIA PARA A CONSTRUÇÃO ESP.	ACIAL
A PARTIR DA FAMÍLIA RUAS	38
3.1 Memória e Paisagem	40
3.2 A construção da paisagem a partir das narrativas familiares: a oralidade como pro	cesso de
construção espacial	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS RIBI IOGRÁFICAS	53

INTRODUÇÃO

Ao pensarmos a imensidão do nosso país, nos deparamos com inúmeros elementos responsáveis pela nossa formação identitária, embora muitos tenham sido desprezados ao longo do tempo. Assim como grande parte da população brasileira, minhas raízes se formam pela descendência de diversos povos com matrizes culturais distintas — africanos, indígenas, europeus, entre outros que infelizmente não consigo identificar — fazendo despertar, desde criança, uma imensurável vontade de me conectar aos antepassados e às origens culturais totalmente apagadas e oprimidas pela herança colonial fortemente impregnada nas estruturas sociais do Brasil.

Com o avanço do processo de globalização, a unicidade temporal parece tentar dominar nossas vidas, novas características temporais e espaciais avançam juntamente, justificando a existência de um sistema hegemônico no qual é possível perceber uma clara influência externa sobre as identidades culturais. Tal fenômeno resulta em uma espécie de tentativa de homogeneização cultural, promovendo a destruição de identidades locais.

Diante do que foi exposto, considero relevante valorizar a perspectiva local e, juntamente com esta espacialidade, dar ênfase às culturas regionais na pós-modernidade, já que o fortalecimento das identidades locais atuam como forma de resistência à hegemonia cultural dominante, que tenta uniformizar espaço e tempo de maneira a valorizar ou desvalorizar espacialidades a partir de uma única narrativa global.

A cultura se origina em um passado distante e podemos compreendê-la como a junção de comportamento, técnicas e conhecimento que se acumulam em um indivíduo ou em grupos e que são transmitidos ao longo de gerações. Cultura é herança, porém não é algo imutável, e que ao entrar em contato com povos distintos pode ser algo perigoso e ao mesmo tempo enriquecedor. A questão territorial, aliada a fatores étnico-culturais, é um elemento crucial para a construção da identidade. A simbologia não se restringe ao centro, os espaços, bem como os "deslugares", reúnem símbolos de diversas grandezas. Dessa forma, lugares e símbolos adquirem profundo significado através dos laços emocionais, e por sua vez culturais, tecidos ao longo dos anos.

Ao longo do trabalho, buscaremos desenvolver a nossa pesquisa no recorte espacial que será delimitado a partir do município de Porto Seguro, localizado no litoral sul da Bahia, que durante

grande parte da minha vida foi lar nas férias de verão em família comandada por minha mãe. O litoral amplo, margeado por uma extensa barreira de corais que cercam de ponta a ponta o mar local, juntamente às falésias e matas nativas ainda presentes, trazem um aspecto único e paradisíaco ao local. Além das belezas e diversidades naturais, os aspectos sociais e culturais de Porto sempre me chamavam a atenção pela sua diversidade tão singular. Ao crescer visitando o local anualmente até os dias atuais, despertei minha curiosidade para as tradições locais com descendências tão distantes e tão marginalizadas, além de sua perpetuação nese espaço tão marcante na história brasileira.

Minha família materna originalmente residia em uma pequena cidade localizada no Vale do Jequitinhonha, chamada Almenara, e desde as histórias contadas por minha avó sobre as cavalgadas em procissão de Almenara a Arraial d'Ajuda, até as contadas pela minha mãe sobre os incansáveis acampamentos na beira da praia em Porto Seguro, proporcionados anualmente pelo meu avô, este local – mesmo que sem intenção – sempre foi parte de certa tradição familiar que acabou sendo passada a mim por meio dos meus antepassados de maneira muito natural. Sempre me recordo da sensação de euforia na primeira vez que visitei a cidade, com a sede de explorar algo que só conhecia através de histórias, mas que ao longo deses anos consegui desenvolver minha própria afetividade pelo local.

A percepção cultural passa a ser transmitida pelos sentidos como olfato, paladar, audição, tato, que apesar de tão fundamentais, muitas vezes são deixados de lado quando estamos analisando as diferentes realidades espaciais. Por meio da Geografia Humanista, por um viés fenomenológico, podemos compreender que as realidades culturais podem ser percebidas muito além de uma visão reducionista, não enfatizando a percepção cultural somente quanto a técnicas, utensílios e transformação da paisagem.

Durante a primeira infância, através do despertar dos sentidos – como a visão, o olfato, o paladar, a audição – os indivíduos passam a explorar o meio, não a partir de um instinto selvagem, mas através de determinadas lentes culturais apresentadas por seus familiares. Ao longo da minha infância e adolescência, vivenciada no leste mineiro, com família originada na região do Vale do Jequitinhonha, fronteira com estado da Bahia, o contato com elementos culturais diversos e marcantes que transitam do leste mineiro até à Costa do Descobrimento foi inevitável. Transitar constantemente nessa região ao lado da minha família, ouvindo histórias vividas naquele mesmo local pelos meus antepassados, representa uma experiência coletiva que

proporciona a experimentação do meio através dos sentidos, não só da visão, mas também pelo paladar.

O discurso oral se mostra um dos principais meios de reprodução da cultura passada ao longo das gerações, pois apesar dos grandes esforços das nações em alfabetizar a maioria da população, este processo ainda apresenta diversas problemáticas e a escrita continua se apresentando como fator de desigualdade social. Ao crescer observando as pluralidades culturais que se manifestam pelas ruas de Porto Seguro, pude perceber diversos momentos nos quais o discurso oral se mostra essencial para a manifestação de tradições culturais marginalizadas. Com uma abordagem fenomenológica, na qual a relação entre objeto-sujeito propõe o estudo da essência do objeto diante das experiências vividas, o estudo das tradições orais a serem desenvolvidos neste trabalho, pretendo trazer ao mesmo tempo aspectos concretos e individuais e seus significados ao objeto de estudo. Alguns grupos que pude observar ao longo das minhas idas a Porto Seguro – como o grupo de capoeira que se apresenta na parte alta da cidade, as baianas que vendem acarajé pelas ruas de Arraial d'Ajuda e até mesmo os indígenas que permanecem na praia de Coroa vermelha – utilizam do discurso oral e de outras manifestações culturais não tradicionalmente valorizadas pela comunidade científica.

Como já mencionado anteriormente, novas características temporais e espaciais avançam rapidamente junto à globalização, impondo uma hegemonia cultural que desvaloriza as identidades culturais na pós-modernidade. Como evidenciado na história brasileira, acredita-se que Porto Seguro foi o marco da chegada dos portugueses, que desde então já expuseram as culturas que se desenvolveram ali ao perigo de extinção em favor do processo hegemônico. Atualmente, o município é quase em sua totalidade tombado pelo patrimônio histórico e é considerado um dos maiores destinos turísticos do país, tanto para turistas brasileiros quanto para estrangeiros que procuram por praias do Brasil, possuindo assim um dos principais aeroportos com voos internacionais do país. Da chegada dos portugueses até a atual invasão de turistas, as identidades culturais regionais do município vêm sendo oprimidas e suas individualidades deixadas de lado. O trabalho a ser desenvolvido procura entender como estes grupos identitários ainda presentes e marginalizados pela hegemonia cultural se perpetuam nos dias atuais nesse território.

Para pensarmos a questão da construção da identidade na pós-modernidade é necessário uma articulação entre o global e o local, possibilitando de forma simultânea a construção de novas identidades locais e globais. Porto Seguro apresenta alguns grupos que preservam as tradições

marginalizadas, transmitindo as heranças culturais de seus antepassados, atuando como resistência e perpetuando as identidades culturais – apesar da pressão global. São exemplos desses grupos e tradições as baianas do acarajé e dos quitutes espalhadas pela cidade, mas que sempre atuam em família; o grupo de capoeira Arte Brasil, que se apresenta diariamente na Cidade alta; e até mesmo a área de preservação dos Índios Pataxós, situada na praia de Coroa Vermelha, que abordaremos ao longo do trabalho.

Nesse sentido, acredito que o conhecimento pode ser compreendido como resultado da relação entre sujeito e objeto, de modo que as experiências vividas possibilitem sensibilidades em apreender as essências, trazendo de forma simultânea fatos concretos e individuais. A busca dos significados por meio da experiência – não só neste caso, mas em todos os estudos que possui uma abordagem semelhante – é um trabalho que possui o zelo de não deformar a complexibilidade e a riqueza dos significados, balanceando a intuição na constituição do mundo vivido. Partindo dessa reflexão, proponho questionar ao longo do trabalho como as experiências da nossa infância influenciam na nossa percepção do espaço e como isso reflete na produção de conhecimento geográfico.

Através dos tópicos que serão apresentados, tenho como finalidade analisar e desenvolver os objetivos e as questões levantadas anteriormente no texto, considerando todos os fatores necessários. No primeiro momento, creio que seja importante trazer para nossa reflexão um capítulo que aborda a questão da nossa percepção do espaço. Para tanto, é preciso levar em conta como o indivíduo, em sua particularidade, percebe o espaço e a paisagem ao seu redor, considerando as formas em que realizamos este processo de forma intuitiva, mas também a partir das lentes que a sociedade nos agrega, que nos acompanha do nascimento até a morte.

Em sequência, surge a necessidade de se discutir o processo de construção da memória coletiva, que se dá através das experiências vividas pessoalmente ou não. A questão da transmissão de saberes está altamente associada ao processo de construção da memória coletiva. Creio que neste momento, faz-se necessário ressaltar a questão da oralidade. Ambos fatores são relevantes para outra discussão presente no capítulo 2, que é relativa ao fenômeno da formação de uma identidade cultural e como tal processo é compreendido não só pela ciência mas também pelos indivíduos na pós-modernidade.

Para finalizar, o terceiro capítulo vem para juntar as reflexões discutidas até então de forma fenomenológica, contemplando o recorte espacial escolhido para o desenvolvimento do trabalho. Como já dito anteriormente, Porto Seguro é um local de muita diversidade cultural,

no entanto, desde antes de sua formação, passa por intensos processos de globalização; os questionamentos apontados, portanto, pretendem auxiliar na compreensão das dinâmicas dessa paisagem.

CAPÍTULO 1 - DIFERENTES NARRATIVAS CULTURAIS E O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO ESPACIAL

No primeiro momento deste capítulo, propõe-se uma reflexão sobre o que é cultura e como este fator relacionado à sociedade se desenvolve, apresentando diversos momentos de afastamentos e aproximações. Em seguida, pretende-se o entendimento das identidades culturais e como elas se desenvolvem a partir do sentido de lugar, assim como as implicações da globalização frente às identidades socioculturais. Para finalizar o primeiro capítulo e dar sequência ao pensamento, é fundamental abordarmos a questão simbólica e seus significados, bem como estes elementos colaboram para construção da memória no espaço.

1.1 Cultura e sociedade: Afastamentos e aproximações

A cultura se apresenta aos indivíduos e à sociedade de diversas formas, adquirindo uma pluralidade de significados que será analisada por diferentes áreas da ciência, não só enquanto conceito, mas em suas manifestações e implicações na construção da paisagem. No estudo da Antropologia Social, assim como na Sociologia, a cultura é compreendida como uma espécie de receituário, ou até mesmo um código que indivíduos de um determinado grupo segue e que, por consequência, influencia na maneira em que observam e mudam o mundo e a eles próprios.

O debate sobre as diversidades culturais também pode ser analisado por meio de uma perspectiva biológica; materiais publicados apontam que o instinto que se fazia presente no organismo do *homo sapiens* acabou se perdendo durante o processo de desenvolvimento da nossa espécie. Para Berger (1979), a cultura emerge como meio de determinar uma espécie de acabamento biológico, concluindo que a cultura, em suas diversas formas, seja a chave para a humanização dos indivíduos, compensando o aspecto instintivo que se perdeu na sua natureza. Podemos perceber que as primeiras manifestações culturais, ainda que de forma primitiva, e a evolução final do organismo que conhecemos como *homo sapiens*, ocorrem de forma contemporânea, de acordo com Geertz (1973). Atualmente, os estudos sobre etnologia animal trazem informações um pouco mais precisas, mas não de forma tão clara, comprovando que determinados mecanismos biológicos são a base para o desenvolvimento de culturas distintas.

Assim como mostraremos adiante, a cultura, diante diversos fatores, passa por um processo de hierarquização ao longo dos anos. Este processo passa a ser "justificado" através de estudos desenvolvidos pela geografia de Ratzel, como instrumento do Estado pautando a dominação de grupos à margem cultural da sociedade. Podemos perceber a hierarquização cultural se manifestando até mesmo em nosso cotidiano, quando classificamos, de maneira extremamente limitadora, "alta cultura" e "cultura popular", considerando como de maior importância aquela que se apresenta de forma mais sofisticada, de modo a inferiorizar a outra que se mostra mais robusta.

O debate da geografia, levando em consideração a temática cultural, é apresentado primeiramente nos trabalhos de geógrafos alemães e franceses, no que conhecemos como geografia cultural tradicional associada à geografia humanista. Autores como Schutler, Ratzel, Vidal de La Blache, Sauer se destacam nessa área e deixam importantes contribuições, mas que apresentam visões altamente reducionistas. Tomamos como exemplo Ratzel, que em sua geografia analisa a cultura apenas de aspectos materiais, relacionando os materiais utilizados pelos indivíduos e o meio.

Friedrich Ratzel, autor de origem alemã e prussiana, publicou seus estudos no final do século XIX, ocorrendo simultaneamente a constituição real do Estado nacional alemão. A geografia proposta pelo autor serviu como importante arma de legitimação das "atividades" expansionistas do Estado alemão recém-estabelecido, podendo ser referido por autores como L. Febvre de "manual do imperialismo". Ratzel afirma-se como intelectual a serviço do Estado, de maneira em que suas obras justificam o expansionismo bismarckiano, apresentando de forma direta apoio e até mesmo elogios ao imperialismo, justificando a dominação de povos culturalmente marginalizados. A visão apresentada pelo autor só é compreensiva pelo contexto de lugar e sociedade em que é desenvolvida.

A unificação tardia da Alemanha, que não impediu um relativo desenvolvimento interno, deixou-a de fora da partilha dos territórios coloniais. Isto alimentava um expansionismo latente, que aumentaria com o próprio desenvolvimento interno.Daí, o agressivo projeto imperial, o propósito constante de anexar novos territórios. E, por esta razão, mais uma vez, o estímulo para pensar o espaço, logo, para fazer Geografia. Ratzel vai ser um representante típico do intelectual engajado no projeto estatal; sua obra propõe uma legitimação do expansionismo bismarckiano. Assim, a Geografia de Ratzel expressa diretamente um elogio do imperialismo, como ao dizer, por exemplo: "Semelhante à luta pela vida, cuja finalidade básica é obter espaço, as lutas dos povos são quase sempre pelo mesmo objetivo.Na história moderna a recompensa da vitória foi sempre um proveito territorial". (MORAES, A.,1980, p. 18 e 19)

Em oposição à geografia ratzeliana, temos a escola francesa fundada e representada fortemente por Paul Vidal de La Blache. A burguesia, que uma vez já foi o "rosto" revolucionário da França e que se mostrava dominante na sociedade francesa, lutava para manter seu poder perante o Estado. Os discursos liberais, assim como seus ideais forjados na fase ainda revolucionária, acabam sendo desmascarados frente aos imperativos autoritários. A disputa entre o Estado alemão e francês que ocorreu em XIX pode ser compreendida como uma disputa sobre a hegemonia europeia, além do conflito de interesse nacional e disputa pelo imperialismo. Nesse contexto, aparece a geografia lablachiana como ferramenta para a classe dominante francesa e além da importância de se pensar o espaço, assim, a geografia ali desenvolvida deslegitima o pensamento geográfico alemão e serve como alicerce para o expansionismo francês, dando origem a geografia colonial.

Deixando de lado os trabalhos do Vidal de La Blache que se constituíam sobre críticas a outro escritores, o autor define como objeto de estudo da Geografia a relação entre natureza e o homem, na escala da paisagem, admitindo o homem como ser participativo desse espaço, que atua sobre o meio mas que também é influenciado por ele, possibilitando a transformação. Podemos evidenciar que durante o processo de trocas entre homem-natureza, os indivíduos modificam a matéria natural, criando formas sobre a superfície. Segundo os estudos apresentado pelo autor, o homem está há muito tempo presente em diversas partes do globo, se adaptando de modos diferentes em cada local, estabelecendo de maneira constante uma relação com a paisagem por meio de um conjunto de técnicas e costumes — o que foi identificado por La Blache como "gêneros de vida" — que possibilitam usufruir dos recursos naturais ali presentes. O conceito desenvolvido por Vidal de La Blache sobre os gêneros de vida consiste justamente na relação equilibrada entre os recursos disponíveis e a sociedade que ocupa essa paisagem, de maneira em que a pluralidade desses gêneros de vida se relaciona com a diversidade dos meios.

Os autores Friedrich Ratzel e Vidal de La Blache, apesar de seu embate acadêmico, apresentam visões sobre a cultura e o espaço bastante semelhantes. O pensamento de ambos autores se desenvolve na modernidade, na qual o pensamento científico elaborado por eles sustenta um modelo hierárquico cultural, em que grupos que se apresentam de acordo com tal hegemonia são fortemente excluídos e inferiorizados.

Somente nos anos 80 a geografia cultural emerge, abrangendo os debates que relacionam cultura e espaço de maneira mais aprofundada, tendo como principal característica discutir os impactos do fenômeno da globalização na cultura, de modo a perceber que as diferenças

culturais se tornam ainda mais distintas nessa dinâmica, não homogeneizada, descartando a ideia de que o mundo se organiza pautado apenas nos processos de produção. Nesse caso, iremos trabalhar a cultura como agente inseparável da sociedade que se manifesta de modos diferentes na paisagem geográfica.

Como ideia, a cultura nos apresenta inicialmente sendo uma espécie de ligação entre os seres humanos, que ocorre quase que de forma misteriosa e até mesmo espiritual, podendo ser consciente ou não, mas que mesmo sendo distanciado por fronteiras, se mantém. Essa ligação que denominamos cultura apresenta ao indivíduo uma concepção social de valores transmitidos por determinado grupo ou família. Assim como Paul Claval (1995, p. 63) exemplifica,

"A cultura é a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas e, em uma outra escala, pelo conjunto dos grupos que fazem parte [...] lhes assegurando sobrevivência e reprodução do grupo".

Sabemos que um único indivíduo não é capaz de criar uma cultura, no entanto, é por meio das interações uns com os outros e o desenvolvimento do modo como aquele grupo estabelece e dita os códigos, que temos o surgimento da cultura propriamente dita, podendo se dizer, assim como Tylor, que a cultura abraça o homem enquanto membro ativo da sociedade. O autor Lévi-Strauss (1950) afirma sobre a cultura como um conjunto complexo dos códigos que garante a ação coletiva de um grupo, sendo instrumento de humanização dos homens.

A cultura se apresenta como um sistema complexo, na qual cada rito, símbolo, linguagem, entre outros fatores que podem mudar de uma cultura para outra, muitas vezes não fazem sentido separadamente, mas que são altamente relevantes ao se analisar o todo. As manifestações culturais se apresentam na sociedade em uma origem distante, antes da escrita, que ao longo de gerações se reproduzem através de símbolos que se manifestam no espaço geográfico e que atualmente sofrem influências perante a imposição do sistema capitalista. Pessoas de um mesmo grupo partilham entre si a mesma linguagem e rituais cotidianos similares ou pautados em valores semelhantes, por isso falar sobre cultura é falar diretamente sobre a sociedade. A partir dela, a cultura se manifesta e possibilita de forma social uma percepção ainda mais consciente de nós como indivíduos. Roberto Matta, em seu artigo "Você é Cultura?" (1981), exemplifica o papel fundamental da cultura na sociedade, comparando textos teatrais à cultura, em um contexto no qual não se tem como prever com exatidão como

iremos reagir quanto a cada papel que devemos ou necessitamos desempenhar, mas aponta formas geral exemplos de indivíduos que viveram anteriormente desempenharam.

Assim como a cultura nos apresenta o que podemos chamar de "lentes", que possibilitam analisar e vivenciar o mundo, a sociedade nos apresenta diversas formas de analisar subtipos culturais espalhados ao redor do mundo. A utilização do termo cultura no nosso dia a dia, muitas vezes acaba adquirindo uma significação banal e excludente, afastando dela seu verdadeiro propósito enquanto conceito chave para se interpretar a vida social e sua influência na transformação da paisagem.

Se torna evidente que os indivíduos, ao se desenvolverem enquanto sociedade que compartilham dos mesmos códigos culturais, deixam suas marcas no espaço através de símbolos que muitas vezes só são compreendidos por pessoas pertencentes àquele grupo. No entanto, essa relação homem-paisagem não se manifesta de forma unilateral. Da mesma forma em que um determinado grupo imprime suas marcas no espaço que ele ocupa, este mesmo grupo acaba sofrendo influências diretas da paisagem em que está situado, moldado por culturas daquele conjunto de indivíduos.

Na geografia, a paisagem se apresenta como conceito chave para muitos autores, possibilitando abordar de forma interativa os estudos e saberes da natureza e humanos. As ações humanas, auxiliadas por diversas ferramentas e materiais articulados, tem como resultado a transformação do lugar em que ele está inserido, dando origem ao que chamamos de paisagem cultural, que se constitui por meio de dois fatores, uma certa cultura que modelou a sua matriz cultural, transformando a paisagem em "uma vitrine" que expressa diversos aspectos da cultura que se apresente de um lado como forma simbólica, e outro funcional.

Por meio de elementos diversos, as paisagens, sendo compreendidas como uma matriz cultural, possibilitam a transmissão de seus valores e conhecimento ao longo das gerações. Cosgrove afirma que a paisagem geográfica possui um significado simbólico, com a justificativa de que essa paisagem seja "produto da apropriação e transformação da natureza" que se manifesta por meio de traços culturais, símbolos e linguagem, imprimindo ao geógrafo o trabalho de ler e entender estes significados como forma de decodificar a paisagem. Ainda segundo o autor, pode-se identificar de modo geral dois tipos de paisagem: o primeiro é a "paisagem da cultura dominante", que representa um dos meios utilizados pelo grupo dominante na reprodução do seu poder; o segundo tipo é a "paisagem alternativa", construída por grupos não dominantes e ocasionando uma menor visibilidade. No entanto, vale ressaltar

que a tentativa de hierarquização das culturas e paisagens culturais se constitui em uma abordagem reducionista e retrógrada. Da mesma forma em que as temáticas abordadas anteriormente, a cultura também se relaciona com a percepção ambiental. O ambiente geográfico pode ser definido como a relação entre a natureza, o homem e o espaço socialmente produzido, que é observado e vivido de formas diferentes, variando entre cada grupo. Portanto, o desenvolvimento da percepção ambiental de cada indivíduo e da sociedade em que está inserido tem como fundamento a cultura, por meio de uma relação complexa.

Neste momento foi apresentado um vasto recorte a respeito da cultura, sua percepção na sociedade, abordando a relação entre cultura e indivíduos associada à percepção científica e geográfica sobre o tema. No próximo tópico, iremos discutir as diferenças entre espaço e lugar, assim como a relação do homem com o lugar, abordando o desenvolvimento da percepção do espaço na infância e adolescência a partir das culturas presentes.

1.2 Identidade e espaço: A perspectiva do lugar a partir da cultura

Para darmos continuidade ao desenvolvimento deste trabalho, é importante evidenciar que não devemos refletir sobre espaço e lugar como duas ideias totalmente diferentes entre si, mas sim pensar que o espaço gera o lugar como categoria de análise, uma vez que, a partir da afetividade, temos a transformação do espaço em lugar. O termo "lugar" comporta diversas interpretações. De acordo com o *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*, a palavra pode significar "área apropriada para ser ocupada por pessoas ou coisas", "área de limites definidos ou indefinidos", "espaço onde uma pessoa se põe como passageiro ou espectador", entre outras definições.

Ao pensarmos o lugar pela ótica da geografia, é válido trazer neste momento as discussões sobre o tema propostas por John Agnew e Ulrich O'Slender, que conseguiram abordar de maneira bastante clara os três principais aspectos para se discutir a questão do lugar na geografia. O primeiro aspecto, *location*, representa a área geográfica física-material em uma escala ampla, relacionando os processos políticos e econômicos da macro-ordem com a formação e transformação desse lugar. Em segundo lugar, temos o elemento *locale*, que representa os quadros espaciais, podendo ser informais ou formais, onde as interações do cotidiano se constroem. E, por último, temos o *sense of place*, ou "sentido de lugar", sendo esta a principal a abordagem deste trabalho, que representa como as características físico-materiais às diversas formas em que a experiência e a imaginação humanas acabam apropriando as características físico-materiais da localização geográfica. É perceptível que compreender este

espaço como um lugar, significa perceber e viver este espaço que possui significado. Ainda segundo os autores sobre o sentido de lugar:

"Ele captura as orientações subjetivas que derivam do viver em um lugar em particular como resultado de processos sociais e ambientais em particular como um resultado de processos sociais e ambientais interconectados, criando e manipulando relações flexíveis com o espaço físico-material. As abordagens fenomenológicas do lugar, por exemplo, têm tendido a enfatizar os modos como os indivíduos e as comunidades desenvolvem ligações profundas com os lugares por meio da experiência, da memória e da intenção."(Relph, 1976 em OSLENDER, 2004:962)

Ao pensar o conceito de lugar em relação ao de território, vale ressaltar que a dimensão do poder não se apresenta como característica mais importante, como na questão territorial. O lugar, enquanto conceito, refere-se à dimensão simbólica-cultural, levando em consideração as identidades que ali se reproduzem, assim como a intersubjetividade e as trocas simbólicas.

De acordo com Marcelo Lopes de Souza, em seu livro "Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial", o lugar está para a dimensão cultural-simbólica assim como o território está para a dimensão política. Mesmo assim, não podemos desconsiderar que a dimensão cultural-simbólica do lugar sofre influência da dimensão do poder, sendo os espaços vividos e percebidos.

Desde a década de 1970, a Geografía Humanística vem influenciando fortemente o desenvolvimento do conceito de lugar baseando-se na fenomenologia, no entanto, trabalhar o termo lugar na Geografía pode abranger diversas correntes de pensamento. Podemos entender que todo lugar é um espaço social, ou seja, é aquele que é produzido e se reproduz através do espaço apropriado da natureza, que é transformado em algo com significado, sendo ele o espaço vivido. Ainda de acordo com Marcelo Lopes (2013), um lugar não se baseia na relação de materialidade, mas sim como um espaço dotado de significado.

O lugar, enquanto espaço social proveniente das relações afetivas e culturais, possibilita o desenvolvimento de identidades culturais distintas e que carregam consigo características únicas, que se desenvolveram por meio da relação entre os indivíduos e as especificidades do lugar em que se encontram. Todas as identidades culturais, sejam elas marginalizadas ou não, são criadas e desenvolvidas dentro da delimitação de um determinado lugar. Pode-se perceber que as identidades culturais possuem uma forte ligação com o sentido de lugar, a partir do aprofundamento das relações entre o lugar e as comunidades e indivíduos através da experiência.

A palavra identidade tem sua origem no latim e se constitui pelo adjetivo "idem", que significa "o mesmo", e do sufixo "dade", representando o "estado" ou "qualidade". Dessa forma, a etimologia de tal palavra apresenta a função de indicar de forma qualitativa aquilo que é idêntico e se apresenta de forma constante. Atualmente, ao termo "identidade" se atribui significados diversos, podendo ser "documento de identificação", "apanhado de características particulares que torna possível a identificação de um indivíduo ou grupo", "igualdade" e até mesmo "semelhança e relação de conformidade, representando identidades de conceitos".

A fragmentação do sujeito, associada ao declínio das velhas identidade já estabelecidas e ao aparecimento de novas identidades culturais, traz atualmente, no campo da teoria social, a discussão sobre o tema. No entanto, na própria ciência social, o conceito de identidade é pouco desenvolvido diante sua alta complexidade. Segundo Kobena Mereer (1990 p. 43), "a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dívida e da incerteza".

Podemos definir o sujeito de diversas formas entre si. Este processo de caracterização estará relacionado de acordo com o grupo que analisa esse sujeito. O sujeito iluminista se fundamenta no indivíduo completamente centrado, baseando suas ações apenas na razão e na consciência. Já o sujeito sociológico se apresenta de maneira mais complexa, sendo produto do mundo moderno; ciente da influência da cultura no próprio ser, este indivíduo consegue compreender que o diálogo entre o eu e a sociedade é que origina a identidade. Por outro lado, podemos identificar o sujeito pós-moderno, não possuindo uma identidade fixa, sendo ela construída de forma histórica e não biológica. A identidade nesse sujeito é móvel, sofrendo influências das pluralidades culturais que nos são apresentadas ao logo da nossa constituição enquanto ser. Para Stuart Hall (1992), no livro "A identidade cultural na pós-modernidade", a identidade que se encontra plenamente unificada, segura e coerente, não existe, sendo apenas uma fantasia.

A compreensão do conceito de identidade na modernidade foi visto como algo unificado e completamente simplista, no entanto, quando discutimos a pauta na pós-modernidade, não podemos deixar de considerar o descentramento do sujeito. Podemos identificar como grande marco na descentralização do sujeito as críticas propostas pelo movimento linguístico. Nesse contexto, o importante autor Ferdinand de Saussure afirma que não somos autores das nossas afirmações expressadas na nossa língua, dessa forma, falar sobre a língua não significa apenas se expressar, mas ativar uma vasta gama de significados que acompanham a língua e o sistema cultural.

A partir do processo de globalização no final do século XX, que molda as relações nos mais diversos âmbitos, podemos identificar o grande processo de descentralização, ocasionando o deslocamento das identidades culturais nacionais a partir de influências externas. Podemos destacar dentre as características mais notáveis desse fenômeno conhecido como globalização, as novas percepções de espaço e tempo que são consequência da compressão das escalas temporais assim como das distâncias. Quando falamos sobre "compressão do espaço-tempo", entende-se que este fenômeno resulta em vários impactos sobre as identidades culturais por meio da aceleração dos processos globais, de maneira em que o mundo aparenta ser menor do que ele realmente é: que quando ocorre algum evento específico em um local, há um impacto gerado quase imediatamente em um outro local separado por uma distância considerável.

Todas as identidades culturais existentes se manifestam em um espaço-tempo simbólico. Para o autor Edward (1993), as identidades possuem algo que se denomina como "geografías imaginárias". A geografía imaginária presente nas identidades, segundo o autor, associa-se a paisagem característica daqueles indivíduos, ou seja, o senso de "casa/lar" que representa até mesmo sua localização no tempo e as tradições que se mantém como uma ligação entre o passado e o presente.

Ao falarmos sobre identidade cultural na pós-modernidade, muitas vezes a abordamos de maneira equivocada, como se o futuro deste processo fosse apenas a homogeneização das identidades. A articulação entre o global e o local, em grande parte dos casos, possibilita a construção de novas identidades singulares globais e locais. Assim como a distribuição da globalização se dá de forma desigual pelo mundo e pelas camadas sociais, a troca de cultura também se manifesta de maneira semelhante.

O sentimento de pertencimento que se apresenta de maneira mais evidente nas identidades locais, fortalece estes grupos perante à pressão dos grupos étnicos dominantes, que identificam nas identidades locais uma ameaça. Este processo é identificado como racismo cultural. Em contrapartida, existe o que podemos perceber como um "equivalente" desses movimentos nas comunidades pequenas e marginalizadas, que respondem à exclusão e ao racismo-cultural utilizando táticas de re-identificação com as culturas originárias, reforçando o sentimento de pertencimento que é reprimido pelas culturas dominantes da lógica cultural mantida pela globalização.

Apesar da tentativa de homogeneização, fica evidente que a globalização tem como consequência um efeito pluralizante sobre as identidades culturais. Isso possibilita que as

identidades se apresentem de forma mais política e plural. O hibridismo cultural surge frente à influência que um indivíduo ou um grupo sofre de culturas distintas, mas que se associa por meio das manifestações de elementos combinados entre si, produzindo novas identidades que se relacionam com a modernidade tardia.

Dessa forma, torna-se evidente que as identidades culturais locais se desenvolvem juntamente ao conceito de "lugarização", além de outros termos que Marcelo Lopes (2013) desenvolve no livro "Os conceitos fundamentais da pesquisa socioespacial". A "lugarização" consiste justamente em um local que atribui significado baseado na vivência, mesmo que ocorra de maneira indireta. No entanto, quando falamos em "relugarização", isso representa atribuir aos locais novos significados.

Assim como as características culturais são desenvolvidas de maneira particular por meio da interação entre os indivíduos e sua localidade, a ressignificação dos espaços atrelados à diminuição das distâncias e avanços tecnológicos proporcionados pela globalização ocasionou a fusão de tradições culturais diferentes. Esta junção de identidades se torna responsável por criar novas identidades culturais que apresentam características que possuem melhor afinidade ao modo de reprodução da modernidade tardia, sobressaindo quanto às estáticas e monótonas identidades antigas.

Como a escala do lugar se apresenta em menor grau que a escala regional, esta possibilita uma maior interação entre os indivíduos, de maneira que eles compartilhem dos mesmos códigos, facilitando o processo de desenvolvimento das identidades culturais. Apesar deste fator, as identidades não se constroem apenas dentro da escala local. O desdobramento da relação entre os indivíduos e o sentimento de identidade por meio da vivência proporciona diferentes níveis de lugaridade diante das ferramentas apresentadas pela sociedade globalizada.

Após desenvolver um pensamento a respeito das questões culturais espaciais assim como a relação entre as identidades e o conceito de lugar, para finalizar o primeiro capítulo, é necessário trazer para discussão uma análise sobre a relação entre espaço e simbolismo e como isso afeta a construção da memória a partir do eu.

1.3 Espaço e simbolismo: a formação do espaço a partir do "eu"

As formas simbólicas e seus significados são construídos e reconstruídos por meio dos indivíduos que compõem uma vasta gama de grupos sociais, atribuindo aos seres humanos uma caraterística primordial. Segundo White (1973), assim como todo comportamento humano é

simbólico, todo comportamento simbólico é humano. As formas simbólicas, além de refletirem os significados previamente estabelecidos, proporcionam a criação de novos significados.

Ao pensar o simbólico, sempre devemos levar em consideração sua relação com a economia, a política e a sociedade. Posteriormente a década de 1970, com a renovação da geografia cultural, os simbolismos e seus significados se tornam o principal foco desse campo geográfico, trazendo os lugares simbólicos como conceito chave. Cassirer, em 2001, afirma que a compreensão dos significados que podem ser criados por nós mesmos ou por outras pessoas é de certa maneira conhecer de forma mais profunda um determinado aspecto da realidade, possibilitando compreender sua organização, além de sua constituição e estrutura.

Os símbolos e seus significados se apresentam como resultado de uma experiência coletiva de uma pluralidade de grupos sociais. Os mesmos fenômenos e processos podem apresentar significados distintos de acordo com o ponto de vista de cada grupo que vivenciou a mesma experiência. Para Isnard (1982, p.71), podemos traduzir o simbolismo como os "sinais visíveis não só o projeto vital de toda a sociedade, subsistir, proteger-se, sobreviver, mas também as suas aspirações, crenças, o mais íntimo de sua cultura".

No entanto, devemos entender que para um lugar e um símbolo adquirirem um determinado significado, é necessária uma ligação emocional/afetiva entre os indivíduos ou grupos ao recorte espacial. O vínculo estabelecido ocorre por meio da experiência, da vivência, do cotidiano, proporcionando a construção de uma relação de intimidade entre o homem e o meio. Para Mello (2003), essa relação existe, pois:

Os lugares/símbolos são entes queridos ou merecedores de considerações especiais. Tais envolvimentos, que despontam com a experiência, a confiança e a afeição, denotam intimidade, na acepção da palavra a qualidade do "que estar muito dentro" ou "que atua no interior" como apontam os dicionários. (MELLO, Baptista. 2003, p. 167)

As materializações das formas simbólicas ocorrem de diversas maneiras, podendo se manifestar entre a oralidade e através da escrita. Com isso, as figuras de linguagem, de maneira geral, proporcionam os principais recursos em que os significados podem ser criados e recriados. Por isso podemos afirmar que as formas simbólicas materiais se apresentam de forma numerosa e diferentes entre si. Seguindo o pensamento de autores como Tuner (1982) e Gombrich (1954), rituais de determinadas cerimônias, assim como obras de arte que representam formas simbólicas podem muitas vezes serem identificadas como metáforas rituais e visuais.

É, portanto, no espaço geográfico que os símbolos e seus significados se materializam por meio das relações dos indivíduos que compõem os mais diversos grupos de matrizes culturais distintas. Por meio de tais simbolismos, a cultura, assim como a memória individual ou coletiva se preservam na nossa concepção espacial através de uma pluralidade de manifestação.

No presente momento do trabalho, iremos analisar aquilo que identificamos como dimensão simbólica do espaço, abordando o que Roberto Lobato Corrêa (2012) chama de "geografia das formas simbólicas". Os símbolos, assim como os espaços, passam a atribuir significados profundos e particulares por meio dos vínculos emocionais que se mantêm ao longo dos anos. Sobre as formas simbólicas, o autor apresenta sua visão associada a outros autores:

As formas simbólicas podem ser materiais e não materiais. Entre estas está a linguagem oral e escrita, na qual as figuras de linguagem, metáforas, metonímias e sinédoques, entre outras, constituem meios pelos quais significados podem ser criados e recriados. As formas simbólicas materiais são numerosas, como uma vestimenta, uma joia por exemplo. Os rituais de uma cerimônia e as obras de arte, também formas simbólicas, podem ser vistos, respectivamente, como metáforas rituais (TURNER, 1982) e visuais (GOMBRICH, 1954). São assim, linguagens passíveis de serem submetidas, como textos escritos, com diferentes e, por vezes, contrastantes interpretações. (CORRÊA, Lobato, p.135, 2012).

A memória coletiva, atrelada à simbologia, possibilita que o próprio indivíduo se reconheça enquanto integrante fundamental do lugar. Isnard (1982) nos apresenta uma relação entre o espaço geográfico associado ao campo das relações simbólicas, possibilitando a expressão das estruturas sociais de diversas maneiras. A geografia, então, proporciona ferramentas conceituais no intuito de transformar a espacialidade humana em algo inteligível.

Indivíduos que apresentam a mesma etnia, mas que se distribuem pelo globo em diversos lugares, atribuindo a essa relação uma grande distância, conseguem manter seus vínculos através da cultura e da simbologia. No entanto, grupos de diferentes etnias, mas que se encontram próximos uns dos outros em relação à distância, são afastados por meio da diferenciação cultural. No livro "Olhares geográficos: Modos de ver e viver o espaço", os autores Iná de Castro, Paulo Gomes e Roberto Lobato (2012) relatam que:

A distância estrutural aproxima os membros de uma mesma etnia que estão separados por grande distância métrica; inversamente, afasta grupos étnicos diferentes, que fisicamente, estão próximos entre si. A distância afetiva diferencia lugares considerados benéficos ou maléficos, enquadrados na crença de cada grupo. (CORRÊA, Lobato, p.136, 2012).

Dessa forma, os meios espaciais que o simbolismo utiliza de plano para se materializar acabam determinado o meio em que a cultura é modelada. Assim, torna-se possível observar que o espaço é capaz de receber as impressões que são organizadas pela sociedade. Com isso, o espaço passa a possuir uma íntima relação cultural simbólica com a sociedade que o modelou segundo suas perspectivas sócio culturais.

Quando identificamos a relação direta entre as formas simbólicas e os espaços, podemos afirmar que tais formas se tornam espaciais. Essa relação pode ocorrer diretamente em forma de uma localização fixa e através de fluxos itinerários que se dão por meio de indivíduos ou grupos. As questões que se relacionam aos itinerários simbólicos, assim como as localizações, passam por um processo de valorização não só dos locais, mas também dos trajetos feitos, incorporando a eles atributos simbólicos. Roberto Lobato Corrêa ainda complementa sobre essa ideia afirmando que "localizações e itinerários simbólicos valorizam os locais e trajetos percorrido e, de outro, incorporam os atributos simbólicos que as localizações e trajetos possuem".

Vale ressaltar que para maior contemplação da espacialidade da cultura, é fundamental levar em consideração a escala espacial, além dos símbolos e memórias que ali se desenvolvem. E é por meio deste contexto, assim como Geertz (1989) nos apresenta, que se torna possível descrever e diferenciar as dimensões simbólicas e culturais por meio do significado que é atribuído por cada indivíduo e o seu coletivo. Por meio da dupla função dos símbolos, em refletir e criar novos significados, Berque (1998) refere-se às paisagens culturais como as formas simbólicas que se apresentam mais oblíquas, nos mostrando a diferenciação simbólica do espaço.

Quando analisamos o pensamento dos autores acima, fica evidente a relação entre ambos. A possibilidade de uma multi interpretação dos símbolos manifestados tem como efeito uma apropriação e interpretação do espaço de forma mais plural, mudando segundo o grupo sociocultural e o indivíduo que está observando e, por consequência, de cada cultura que por ali transita. Cada perspectiva cultural sobre os símbolos manifestados espacialmente não invalida necessariamente a outra, mas coexistem de formas diferentes no mesmo espaço.

A cultura é uma marca que o homem em sociedade continua imprimindo no espaço onde está presente de forma constante. No entanto, a cultura enquanto marca impressa no espaço pela sociedade, vai estar vinculada à dinâmica temporal que se manifesta espacialmente. Dessa forma, os significados de tais marcas sofrem com a ação de tempo e podem ter seus significados

mudados, ou até mesmo se perderem frente a essa dinâmica. Como dito anteriormente, grande parte dos geógrafos humanistas defendem que os lugares se apresentam dotados de infinitas simbologias, que podem variar de transitórios ou não. Ao contrário do que muitas vezes nos é mostrado, a simbologias impressas nos espaços não se limitam somente aos grandes centros dotados de uma certa cultura dita como mais "refinada".

Os "deslugares", termo utilizado por autores como Relph (1976), Pocock (1988), Tuan (1983), entre outros, é utilizado muitas vezes para nomear espaços remotos em que muitas vezes classificamos de forma preconceituosa de "estranhos" e "monótonos", de maneira a marginalizar esses lugares. Grande parte das vezes, os deslugares são tidos como "inferiores" frente à elitização das culturas e dos espaços, estes que na verdade apresentam uma imensidão de simbologia e significados, assim como os grandes centros, sendo mantidos através do fortalecimento da memória afetiva.

Podemos identificar diversos exemplos que representam o conceito de "deslugares", as favelas que compõem os subúrbios dos centros urbanos nacionais é um dos casos que podemos identificar mais fácil, sendo centro de diversas discussões nos campos políticos e sociais. No entanto, também podemos identificar o sertão brasileiro como um não-lugar diante todo processo de desvalorização deste local em relação aos lugares elitizados. Muito se ouve falar sobre o nordeste brasilero e suas lindas praias, espaço que muitas vezes se relaciona diretamente com o poder financeiro das pessoas que frequentam e consomem não só a paisagem, mas também os símbolos inseridos ali. De contrário a esta perspectiva de nordeste "glamourizado", muitas vezes temos o sertão nordestino, espaço que possui manifestações culturais e, por consequência, uma simbologia extremamente rica e singular, esta não valorizada em relação aos símbolos apropriados pela "elite" cultural.

Como já foi mostrado anteriormente, os símbolos e os lugares, por meio de laços emocionais que se desenvolvem com o passar do tempo, acabam agregando a si imensos significados. O espaço simbólico é essencialmente público, sendo compartilhado pelos indivíduos que forjam seus significados, sendo ao mesmo tempo um espaço vivido e filosófico (MELLO, 2008).

Porém, em muitos casos, identifica-se uma questão relacionada à posse dos lugares e símbolos, trazendo a questão da propriedade privada para análise fenomenológica sobre o mundo vivido. Muitas vezes podemos perceber símbolos grandiosos que são impostos a partir de uma certa grandeza opressora acima das representações simbólicas dos demais grupos. Dessa forma, o simbolismo aparece pautado no passado glorioso de grupos dominantes.

Os símbolos, no entanto, aludem a qualquer localidade, interiorizados ou não, sendo compreendidos pela fenomenologia por meio dos valores dos indivíduos ou do grupo no qual estão inseridos. Partindo dessa reflexão, Cosgrove (1998) afirma que a simbologia se manifesta em toda parte, mesmo em diferentes conotações emprestadas a vocábulos como centro, periferia, subúrbios.

No primeiro capítulo, partimos da reflexão sobre a relação entre sociedade e cultura, analisando desde sua constituição enquanto conceito na ciência e suas manifestações sociais. No segundo momento, foi discutido sobre a ideia de lugar e sobre as identidades culturais, bem como elas se manifestam no espaço que sofre constante pressão do mundo globalizado. Finalizando o capítulo, foi apresentado como os indivíduos e sociedade exprimem símbolos no espaço onde habitam ou transitam e o impacto de cada um na construção espacial. Todo esse recorte servirá de base para o desenvolvimento do capítulo 2, que abordará a questão da memória coletiva e a transmissão de saberes que ocorrem entre indivíduos inseridos no mesmo grupo sociocultural e o impacto dessas relações na construção espacial.

CAPÍTULO 2 - MEMÓRIA COLETIVA E TRANSMISSÃO DE SABERES: A CONSTRUÇÃO ESPACIAL A PARTIR DA TRANSMISSÃO CULTURAL

2.1 A oralidade e a transmissão de saberes

Para se desenvolver um pensamento a respeito da memória coletiva e a sua relação com o espaço construído por meio de memórias, é relevante trazer, em um primeiro momento, o debate sobre a oralidade e seu papel primordial no processo de transmissão de saberes no desenvolvimento cultural entre a sociedade e a construção do espaço. A questão relevante neste momento diz a respeito à oralidade enquanto questão identitária.

Desde a nossa primeira infância, aprendemos e absorvemos conhecimentos e tradições que são passados por meio da tradição oral, influenciando na percepção espacial desenvolvida por muitos indivíduos em diferentes culturas e que se inserem em diversas espacialidades. Para estabelecer uma transmissão de saberes de forma efetiva, é necessário estabelecer uma linguagem comum que possibilite que um indivíduo passe conhecimento ao outro. A manutenção da tradição oral como fonte de conhecimento não representa um conhecimento acadêmico, pautado em normatizações. A oralidade busca, de forma sensível, plural e

extremamente lúdica, passar adiante conhecimentos e valores culturais que muitas vezes são invisibilizados dentro da perspectiva global.

Diante da narrativa global, na qual culturas não hegemônicas são mantidas de lado quando tratamos da reprodução cultural nos veículos tradicionais, a oralidade se faz necessária. Diversos grupos identitários culturais que são constantemente desconsiderados precisam da tradição oral, esta que estabelece vínculos com seus antepassados para se reproduzirem espacialmente. O papel de manter viva a tradição oral normalmente é desempenhado por indivíduos de idade avançada e que se identificam como contadores de histórias. Esses contadores mantém o conhecimento cultural de um determinado grupo vivo ao longo de gerações por meio das tradições orais.

Podemos identificar uma pluralidade de indivíduos que são contadores de histórias – entre outras denominações que variam de acordo com a localidade que exercem esse papel. Em um projeto desenvolvido pelo Núcleo de Artes, Linguagens e Subjetividade (NALS), na Universidade Federal de Pelotas, podemos evidenciar o trabalho dessas importantes "personagens" da história não tradicionalmente contada.

O NALS propõe uma variedade de ações acadêmicas culturais na cidade de Pelotas, onde o núcleo está presente. Dona Sirley, griô da cidade de Pelotas, em ações ligadas ao Núcleo de Artes, Linguagens e Subjetividade, utiliza do método de contar histórias e cantar canções para manter viva de forma particular, mas também comunitária, a cultura de seus antepassados africanos, assim como a sua própria história, associando memórias, lugares e experiências. As atividades ali desenvolvidas possibilitam que a história de grupo se mantenha viva no espaço por meio da oralidade.

O termo "griô" possui origem africana, representando certo indivíduo inserido em uma comunidade em determinado local que mantém as memórias de um povo, promovendo por meio da oralidade a propagação das tradições ancestrais e assim estabelecendo um vínculo entre passado e presente. De acordo com o autor Ki-Zerbo (1982, p. 27), os griôs se identificavam como os mais velhos de vozes cansadas e muitas vezes teimosos, responsáveis pela perpetuação da história oral. Os griôs, segundo o autor, representam "a resistência da oralidade pela cultura: experiências e práticas de um griô" (2015, p. 80 e 81), dentem de forma concentrada, grande parte das tradições e conhecimento, e portanto, sua morte ocasionaria uma perda inigualável para esses grupos. Ainda segundo Ki-Zerbo, o conhecimento africano é pautado sobre três pilares, que seriam a arqueologia, os documentos escritos e as tradições orais, representando

uma fonte de história para esse povo de extrema relevância. Sobre a importância da oralidade na manifestação espacial da cultura africana, Denise Marcos (2015), Vagner Vargas (2015) e Cristiano Guedes (2015) afirmam:

Amadou Hampâté Bá (1982) ressalta a importância da oralidade para a manutenção da história da África. Segundo esse autor seria impossível tratar da cultura, sem fazer referência à importância da tradição oral na África. Nesse sentido, os griôs ou *griots* (segundo a terminologia francesa), atuariam como elementos mantenedores de aspectos culturais e históricos importantíssimos de suas localidades e que, nem sempre, aparecem nos livros de história oficiais. Esses mestres da cultura popular desenvolveriam suas atividades por meio de diferentes abordagens metodológica, sejam elas por contações de histórias, atividades artísticas ou festejos populares nas localidades por onde passem (PINHEIRO, 2013 em BUSSOLETTI, VARGAS, p. 81, 2015)

Dessa forma, as narrativas locais associadas à experiência se tornam fundamentais para a manutenção da perspectiva das localidades. O indivíduo inserido nesse contexto não assume apenas uma característica de espectador. O desenvolvimento da *Estética da ginga*, por meio dos trabalhos de Hélio Oiticica (1939-1980), explica sobre essa questão. Segundo este pensamento, o indivíduo passa de espectador para "participador" da história, de modo que ele dança no espaço e atravessa o tempo, dando plasticidade a obra e tornando-a uma experiência coletiva.

Por meio das práticas relativas à tradição oral de povos que não são evidenciados nas histórias tradicionalmente contadas, — seja nas escolas, pelos órgão públicos ou meios midiáticos — se percebe uma prática de resistência em relação ao processo de homogeneização cultural em muitos países, como o Brasil, que se apresentam inseridos nessa dinâmica do pensamento globalizado. O discurso da oralidade, portanto, estabelece um vínculo entre a sociedade e sua cultura e o espaço em que ela se manifesta.

A oralidade, ao apresentar a seus interlocutores uma perspectiva cultural ampla e rica, possibilita que os indivíduos percebam o espaço de acordo com a dinâmica cultural e local que eles se inserem. A consciência espacial, ou seja, a compreensão do espaço em que estamos inseridos e transitamos, além das dinâmicas que se apresentam nesse espaço, estão constantemente ligadas ao processo cultural e, por consequência, das tradições orais que ali se manifestam e promovem o conhecimento desses indivíduos.

Pode-se observar que no atual contexto brasileiro, as narrativas orais, mesmo sendo fonte de conhecimentos e tradições valiosas, passam por um perigoso processo de desvalorização. Tal

processo colabora para a manutenção da história tradicionalmente eurocentrada, desvalorizando as manifestações culturais locais. Faz-se necessário, portanto, reconhecer e valorizar o fato que diversos grupos possuem Pedagogias não tradicionais mas extremamentes ricas, como afirma Arroyo (2014):

Reconhecer que esses povos têm Outras Pedagogias produtoras de saberes de modo de pensar, de se libertar e humanizar, desestabilizaria a própria autoidentidade da pedagogia hegemônica. Essa, tem sido, ao longo da história de resistência às pedagogias colonizadoras, uma das funções dos movimentos sociais: desestabilizar a pedagogia hegemônica na base de sua auto-identidade [...] Os movimentos de resistência de toda forma de subalternidade até pedagógica não se limitam a criticar e desestabilizar as bases da pedagogia hegemônica, mas constroem e afirmam Outras Pedagogias (ARROYO, 2014, p. 30).

A valorização dos saberes transmitidos por meio da oralidade, mesmo que ainda não muito comum, vem aos poucos ganhando espaço dos meios midiáticos, da academia e até mesmo em políticas públicas voltadas à preservação de determinadas identidades culturais e suas manifestações. No ano de 2017, foi iniciado o projeto "Leitura na escola: os clássicos na sala de aula", trabalhando por meio da experiência voltada para oralidade e cultura popular e que proporciona aos participantes uma experimentação e apropriação das culturas ali trabalhadas.

O projeto, que foi desenvolvido pela Universidade do Oeste de Santa Catarina, tem como foco clássicos literários, incluindo-se aí textos de tradição oral e cultura popular "(...) que, ultrapassando fronteiras e apagando fronteiras de espaço e tempo, são ainda hoje, identificadores da cultura ocidental, seja por si mesmos, seja pelas relações intertextuais e interdiscursivas que propõem" (SOUTO, R.; SANTOS, N., 2018). O intuito das atividades desenvolvidas no projeto é a formação de leitores críticos, possibilitando um espaço de criação e ressignificação das relações.

A oralidade inserida em comunidades espaciais atua como fonte de preservação e manutenção dos indivíduos ali presentes. Transmitir de forma oral saberes e histórias de uma comunidade fortalece os vínculos entre as pessoas daquele grupo e por consequência com a localidade em que aquele grupo se manifesta, sendo palco para os acontecimentos passados. A tradição oral se manifesta de forma tão intensa que indivíduos ou comunidade inteiras que, por algum motivo se encontram longe de suas localidades originais, continuam estabelecendo relações e memórias referentes a tal lugar.

De fato, a tradição oral atua como instrumento de poder e igualdade que se manifesta no espaço. O conhecimento de forma geral, sendo ele sobre a história daquela comunidade ou os conhecimentos sobre outros aspectos adquiridos por eles, é uma ferramenta de extrema força contra as estruturas de poder e grupos que tentam constantemente descaracterizar a comunidade em questão. Usar a oralidade como principal fonte de transmissão desse conhecimento possibilita sua popularização e assim consegue atingir os indivíduos de forma mais igualitária, tendo em vista que as histórias tradicionalmente contadas pelos livros e educação escolar, em sua maioria, não abrangem conhecimentos de grupos que não correspondem a uma perspectiva global – além de não serem acessíveis a todos indivíduos.

A sociedade contemporânea tende, de modo equivocado, a considerar somente o conhecimento pautado na escrita e nas normas escolares/acadêmicas, no entanto, utilizar outras fontes de conhecimento para a formação intelectual e social do indivíduo é de extrema riqueza. Fontes de conhecimento como as tradições orais, que se manifestam em histórias, cantos, receitas, entre outras formas, confere ao indivíduo e a comunidade como um todo a possibilidade de acesso a esse conhecimento, uma formação ampla, plural, repleta de significados e conhecimentos antigos muitas vezes esquecidos, estabelecendo uma perspectiva da vida e do espaço completamente única. Dessa forma, ter acesso a informações e histórias, bebendo de fontes diversas, proporciona uma formação rica que não é devidamente valorizada.

A necessidade de um povo em conhecer a real visão da sua própria história é fundamental. Diante do apagamento histórico promovido pela visão eurocêntrica associada à imposição de uma hegemonia cultural promovida pelo capitalismo frente às relações sociais e espaciais, comunidades e povos singulares, necessitam de outras fontes para terem acesso à sua história. Estórias passadas pelos antepassados, nos meios familiares e nas comunidades locais, fornece então o conhecimento da história de si mesmos, fora da perspectiva global, proporcionando assim o sentimento das identidades culturais fortemente estabelecidas, atuando como forma de resistência frente à imposição global.

A escrita – tão valorizada quando se trata de elaboração e produção de materiais de ensino, tanto na escola básica quanto nas academias – acaba influenciando no processo de transmissão do conhecimento oral. Quanto mais a escrita é valorizada e edificada como a fonte mais pura e verdadeira de conhecimento, a oralidade, entre outras formas de transmitir conhecimento, é deixada de lado, acarretando na desvalorização desse processo. O estabelecimento da escrita

como uma forma mais "correta" de se passar conhecimento acaba afetando de forma negativa a oralidade que reside em tantas culturas.

Muito se discute sobre a relação entre a oralidade e a cultura representada e disseminada através da escrita. Autores como Havelock (1982) e Goody (1985) defendem que a escrita faz o tempo e o espaço triunfarem. Essas perspectiva se relacionam, já que, ao traduzir a linguagem através de códigos gráficos, a escrita possibilita o avanço e a eficiência na perpetuação da cultura.

Apesar desse processo acontecer, de fato, com diversas culturas, em muitos casos a escrita torna-se principal ou até mesmo única forma de transmissão de conhecimento O grande custo, relacionado aos materiais e técnicas que servem de base para a reprodução dessa atividade, fez com que durante um grande período de tempo, a cultura por meio da escrita fosse restrita a determinados grupos, o que acaba afetando a sociedade até os dias de hoje. Paul Claval ainda explica que:

A escrita é enfim um fator de desigualdade social. O custo do aprendizado e do suporte material de texto limitam, por muito tempo, o acesso à cultura e à escrita a um número muito restrito de iniciados. Ele retira daí seu poder: um monopólio sobre a leitura e o comentário dos livros onde estão consignados a textos fundamentais - preceitos religiosos, códigos de leis, receitas mágicas dos curadores, contratos comerciais. Eles podem frear a difusão desta ciência e reservá-la a uma elite: fonte e meio de hierarquia e de influência social. (CLAVAL, Paul, 1999, p. 68)

No entanto, em sociedades nas quais a oralidade se apresenta como forma exclusiva de agente transmissor da cultura, todos os indivíduos daquele grupo possuem acesso à cultura e aos saberes locais de forma mais semelhante. Sendo assim, podemos identificar que as culturas populares e de resistência utilizam da oralidade como fortalecimento cultural e de apropriação do espaço, indo contra a elite.

Mesmo com a tentativa de esforços governamentais em projetos sociais a fim de alfabetizar toda população, o acesso a rede de ensino, e como consequência ao processo de alfabetização e à escrita, ainda se apresenta muito restrito em países como Brasil, em que grande parte da população distribuída no território vive em condições precárias e desiguais. As diferenças sociais e espaciais que se relacionam a problemas de acessibilidade e falta de condições financeiras — tanto para ingressar no sistema de ensino quanto para se manter-se nele — apresentam como uma barreira física e social, limitando o acesso a esse tipo de educação cultural por grande parte da população.

Tendo em vista as diferenças socioespaciais que se reproduzem no nosso país, os indivíduos que se encontram em comunidades excluídas e invisibilizadas muitas vezes não conseguem estabelecer o acesso aos meios de educação formal, ainda se apresentando de forma muito restrita. Da mesma forma que todo processo de hierarquização de culturas se manifesta no espaço, a escrita e todo conhecimento que se reproduz através desta ferramenta também se encontram como fator excludente para muitos indivíduos que se apresentam em comunidades em que o padrão cultural e de vida não é promovido pelo capital.

O acesso a este tipo de material didático e à ferramentas que possibilitam suas criações é quase inexistente, fazendo o recurso da oralidade o mais utilizado, este de fácil acesso e compreensão para os indivíduos de tais localidades. No entanto, com a disseminação do pensamento global, associado ao advento da escrita e da valorização do conhecimento acadêmico pautado em normatizações e regras científicas que se aplicam em escala global, se torna fácil identificar não só a falta de incentivo à oralidade, mas a desvalorização e descrédito a outras formas de transição cultural.

2.2 A preservação da memória a partir da oralidade

A partir das ideias desenvolvidas anteriormente, no segundo momento deste capítulo, faz-se necessário abordarmos a oralidade enquanto ferramenta de preservação e manutenção da memória coletiva e da memória individual quando construída em comunidade. Dessa forma, estabelecendo o resgate do passado através da tradição oral, trabalhando com a transmissão cultural por meio da oralidade. Esta não representa apenas uma a transmissão de técnicas utilizadas no dia a dia, mas sim exerce uma importante função na preservação da memória individual e de um grupo. Neste momento do trabalho, iremos trabalhar o conceito de memória e, a partir disso, a importância da construção, transmissão e preservação da memória individual e coletiva nas localidades regionais frente aos avanços do sistema global. Dessa forma, iremos pensar a memória não como fato isolado, mas sim como uma ferramenta essencial na construção do sentimento de identidade. Compreender a memória é analisar de forma complementar não só o seu processo, mas também como ela se reproduz por meio da oralidade.

As novas concepções temporais e espaciais ditadas pelo sistema global que dominam a sociedade muitas vezes tendem a deixar de lado a importância da memória coletiva e individual, construídas através das tradições orais em comunidades locais, afetando de forma direta a percepção espacial que esses indivíduos desenvolvem ao longo de sua formação cultural não tradicional. No entanto, a preocupação com a memória e com a tradição oral vem se tornando

mais efetiva e de responsabilidade não só das comunidades locais, – que atuam como forma de resistência, auxiliando na manutenção de uma memória comum – mas também vem ganhando grande importância no campo das ciências desde o século XX, no que pode-se identificar como "boom da memória".

Durante o último século, o empenho em se desenvolver "marcadores de memória" tornouse visível a partir dos processos de museificação, além de comercialização do passado nos meios midiáticos, com a finalidade de valorizar e resgatar o passado "esquecido". Tais processos fizeram da memória uma temática de bastante relevância não só para o homem em sociedade de modo geral, mas também nas pesquisas desenvolvidas no campo das ciências sociais.

No entanto, a contemporaneidade e as diferentes compreensões do tempo e do espaço, ao mesmo tempo que tentam homogeneizar as relações culturais e locais em função do capital, também acabam despertando em determinados indivíduos a necessidade do resgate ao passado com a finalidade de não se perderem das origens. Dessa forma, o resgate da memória estabelece uma exaltação aos mais velhos, proporcionando a manutenção de vínculos espaciais. A valorização da memória, associada à análise de categorias temporais distintas, possibilita o desenvolvimento de conhecimentos e pensamentos extremamente ricos, tais como histórias, receitas, danças e cantos. Fato é que guardar a memória – além de conseguir associá-la a construção espacial desenvolvida pelo sujeito ao longo da cultura – "é ser dotado de um conhecimento profundo, diferente do conhecimento superficial partilhado pelo homem comum, conferindo ao seu portador autoridade através do conhecimento do passado" (Enne,1989, p. 12).

Visando ampliar o debate sobre o conceito de memória que estamos trabalhando, primeiramente é interessante apresentar seus diferentes aspectos, que Candau (2011) subdivide em três. Em primeiro lugar, a protomemória, facilmente confundida com o conceito de *habitus* de Bourdieu (2009). Para Candau (2011), ambos mantém relação, sendo o *habitus* dependente da protomemória, representando a memória social incorporada, que se manifesta através de gestos, na linguagem e em práticas realizadas de forma diária, sendo representada pelo próprio senso prático. No segundo aspecto, se encontra o que o autor identifica como a memória em si, sendo exemplificada como uma lembrança ou uma recordação involuntária, se relacionando à crenças e se beneficiando da cultura da memória. A metamemória, por fim, se relaciona com a

construção identitária do indivíduo, que parte de nossas próprias lembranças associadas ao conhecimento em que temos em relação a elas.

Ainda sobre a metamemória – elemento relevante para a construção do conceito de memória a ser desenvolvido neste trabalho em relação a construção e compreensão espacial que vêm se reproduzindo na sociedade ao longo dos anos – não devemos analisá-la pelo conceito simplista de memória coletiva desenvolvida pelo autor Halbwachs (1990). Mesmo o autor apresentando a memória como fenômeno social, construída através do coletivo e suscetível a transformações constantes, o autor parte de visões que se apresentam de forma abstratas e vazias e que não se referem a alguma sociedade concreta, possibilitando a análise de exemplos de memória coletiva. No entanto, é fato que as características da memória apresentada por Candau (2011) andam entrelaçadas, agindo de maneira constante na constituição individual e coletiva da memória, contribuindo para manutenção das relações espaciais que caminham ao lado do conhecimento sobre a mesma.

Ao pensarmos a espacialidade e a construção da memória individual atrelada a uma concepção coletiva, é possível compreender que a memória propriamente dita associada a protomemória constitui uma faculdade individual que não é compartilhada. Sendo assim, apenas a metamemória é de fato compartilhada, pois se organiza como um conjunto de representações e símbolos da memória, construindo assim uma concepção coletiva, mas não idêntica da espacialidade e das relações sócio culturais que se desenvolvem ali.

Podemos identificar "a memória, individual e coletiva, como algo construído", como afirma Pollak (1992, p.204). Tal construção da memória na forma individual pode ocorrer através de modos conscientes ou não, fazendo com que a esta estabeleça um processo de organização. No entanto, pode-se perceber que a memória também se manifesta como algo herdado e transmitido ao longo dos anos por meio da oralidade, entre outras formas, possibilitando uma ligação de natureza fenomenológica entre a memória e a construção do sentimento de identidade cultural que se reproduz espacialmente. A memória possibilita, portanto, a construção do sentimento de identidade individual e coletiva, se mostrando de extrema importância na formação da continuidade e coerência de uma pessoa e um grupo inserido em determinada localidade.

A memória, assim como sua manutenção através da oralidade, é de extrema importância para a fundação e manutenção do sentimento identitário em pequenos grupos locais. Candau (2011, p. 44) aponta a memória "forte" como a responsável pela manutenção desse sentimento de identidade entre os indivíduos de determinado grupo, se apresentando como uma "memória

massiva, coerente, compacta e profunda". Os diversos grupos de origens culturais distintas que se encontram em diferentes camadas socioeconômicas, atualmente, buscam por meio da preservação da memória, apresentar ao mundo sua perspectiva histórica através de uma disputa do passado que se promove dentro das narrativas globais.

Os indivíduos que se inserem em grupos que ao longo dos anos foram excluídos e marginalizados pela cultura de grupos dominadores, por meio de manifestações orais e escritas, buscam no resgate da memória e do passado se identificarem e manifestarem sua cultura local. A oralidade, neste caso, se manifesta como forma de perpetuação da memória no espaço, sendo de extrema importância entre esses grupos marginalizados.

Ao abordar a oralidade através de contos, receitas, músicas, assim como outros tipos de registros, tais como fotografias e livros, promove-se entre os indivíduos um resgate do passado entre aqueles que se identificam enquanto grupo em determinado local. Tais processos possibilitam, de forma natural, uma ligação entre os indivíduos e seus antepassados, como o papel desempenhado pela griô Dona Sirley mostrado anteriormente. No entanto, falar sobre a memória e, por consequência, de sua manutenção que ocorre por meio da oralidade, assim como outras formas de reprodução quando tratamos de diferentes perspectivas do passado, não está sendo insinuado que existem infinitas versões do passado que não se relacionam através de fatos. A história, assim como a sua pluralidade de versões que se reproduz espacialmente, sempre vai se referir a um fato histórico concreto. Dessa forma, a autora Ana Enne (1989) fala sobre o passado e sua construção no presente:

O passado deve ser pensado como a fonte para a construção no presente, de uma memória que ancore identidade e, principalmente, um instrumento de poder. Mas o passado não pode ser visto como dotado de um estoque inesgotável, sujeito a qualquer apropriação. Ao contrário, existem limitações neste uso do passado como recurso, dadas exatamente pela História dos acontecimentos. Ele compreendeu que o passado fornece um universo de significados que são disputados conflituosamente, não existindo, portanto, uma harmonia entre as versões. (ENNE, Ana, 1989, p.11).

Fica evidente, portanto, que os diversos grupos culturais que se manifestam no espaço estabelecem uma certa disputa de poder quando se trata das "versões" do passado que são mais valorizadas em relação a outras que passam por um processo de apagamento histórico. Ainda segundo Ana Enne (1989), é necessário estabelecer vínculos entre os vestígios materiais do passado e as narrativas transmitidas entre os indivíduos de tal grupo. Os símbolos do passado

que se reproduzem no espaço, dessa forma, também estabelecem vínculos entre a história e os acontecimentos passados, assim como entre as narrativas locais.

Sendo assim, no papel do pesquisador sempre caberá a função de questionar "como" e principalmente o "porquê" no presente, os grupos socioculturais dominantes, utilizaram da apropriação do passado de forma efetiva dando início ao processo de apagamento da história de grupos marginalizados. Tal processo torna evidente a relação que acontece de forma direta entre a apropriação do passado e a construção de memórias simbólicas com a posição política desses grupos no presente, assim como eles se reproduzem no espaço.

2.3 Oralidade e cultura: as múltiplas narrativas e a sua importância para entendermos o espaço geográfico

Para finalizarmos a discussões propostas no capítulo 2 a respeito da transmissão cultural a partir da oralidade associada à preservação da memória, não só individual, mas em comunidade, apresentaremos a importância do desenvolvimento de múltiplas narrativas para compreensão do espaço de uma maneira menos excludente, a fim de valorizar as culturas e a percepção espacial de comunidades locais e até mesmo de grupos normalmente excluídos na lógica global, assim como sua repercussão no campo da geografia, bem como os obstáculo que ela enfrenta. Estes assuntos serão desenvolvidos a partir da compreensão da memória e do espaço geográfico, tendo como principal foco os símbolos e patrimônios sobre as narrativas de vidas espaciais, abordando o espaço por meio da experimentação. Por fim, buscaremos compreender como trabalhar os conceitos de memória e paisagem na geografia, assim como identificar seus obstáculos.

O homem, e por consequência a cultura que se reproduz entre os indivíduos, é peça fundamental que constitui o espaço geográfico. Assim como a própria paisagem e os múltiplos elementos que a constituem servem como intermédio para a transmissão de conhecimentos e memórias ao longo de gerações por meio de símbolos e tradições orais, a relação entre homem e cultura proporciona uma clara influência na construção espacial, modelando assim a paisagem e a nossa percepção sobre ela.

A memória dos indivíduos que se desenvolve e desperta através de diversos sentidos, possibilita a construção de determinados lugares que se estabelecem através da sociabilidade entre os mesmos, que se lembram assim de boas memórias e também das tensões vivenciadas por eles, permitindo assim a reprodução dessas espacialidades. Os espaços, bem como suas

formas e manifestações, como a oralidade, apresentam a necessidade da existência de algo para se apoiarem e dessa forma se reproduzirem ao longo do tempo, conservando-se.

É através desse pensamento que o autor Alves (2010) apresenta em sua publicação que as *Geo-grafias* da Memória são de fato, as espacialidades, assim como "espacialização da memória" (ALVES, 2010, p.82). A utilização do termo *Geo-grafias* foi apresentada pelo autor por meio de uma brincadeira com os termos gramaticais e a semântica da palavra geografia, levando em conta a grafia, sendo utilizada a partir da mudança de sentido levando em conta diferentes transcrições. Segundo o autor, a sua utilização se faz necessária ao mostrar as inscrições ou escritas espaciais, viabilizando assim a problematizações sobre as configurações espaciais que surgem com a atividade humana em estabelecer a organização dos lugares.

Diante da necessidade de se imprimir memórias no espaço, de modo a perpetuar seus plurissignificados, estes que se relacionam com os indivíduos e grupos que por ali vivem e revivem suas lembranças, sejam elas oriundas de um passado distante ou não, os lugares da memória se apresentam repletos de simbologias. Os símbolos que se reproduzem em determinado espaço têm como objetivo agregar sentido aos indivíduos e aos grupos, a fim de conferir um caráter de instrumento que viabilize a integração social (BOURDIEU, 1989). Assim, o caráter simbólico que os lugares acabam adquirindo torna explícito cento grupo que se refere a representações de paisagens modernas e antigas, atribuindo à paisagem a característica de mediar a memória individual e coletiva.

Ao pensar a questão da paisagem simbólica, Cosgrove (1998) nos apresenta determinadas tipologias de paisagens simbólicas que podem ser classificadas facilmente a partir de suas características. Entre essas tipologias, podemos identificar as paisagens que se formam a partir das culturas dominantes, assim como as paisagens emergentes, residuais, alternativas e até mesmo excluídas ou marginalizadas. Ao conceito desenvolvido por Cosgrove (1998) sobre as tipologias da paisagem, Costa (2003, p.153) explica que, pensando nas paisagens residuais, podemos identificar entre elas "paisagens esquecidas", onde as mesmas apresentam elementos que proporcionam recordação e saudade através dos sentidos como olfato, paladar e audição, que ultrapassam a aparência da paisagem.

O patrimônio aparece nesse contexto ao relacionar de forma direta o lugar e a memória, podendo se manifestar de forma material e imaterial, principalmente quando tratamos da manifestação de culturas populares. Consideramos assim o "patrimônio cultural" como elementos diversos que compõem a constituição da paisagem, podendo ser de caráter natural,

além de elementos que estabelecem vínculos com as atividades humanas, como exemplifica Costa (2003):

Atualmente o conceito de Patrimônio, amplia-se para a expressão "Patrimônio Cultural", procurando enfocar por definição toda a produção humana de ordem emocional, intelectual e material, independente de sua origem época ou aspecto formal, bem como a natureza, que propiciem o conhecimento do homem sobre si mesmo e sobre o mundo que o rodeia.(COSTA, 2003, p.154)

Dessa forma, o patrimônio estabelece a função de preservar a memória individual e coletiva de uma paisagem, já que a memória em si, em muitos casos, é formada por variados fragmentos particulares que não necessariamente estão diretamente ligados. Nota-se que elementos de caráter nostálgico são facilmente identificados na paisagem, desencadeando nos indivíduos memórias e recordações de experiências vividas por eles ou pelo grupo no qual pertencem. Assim, fica evidente a relação que se mantém entre a memória e o espaço vivido a partir das representações simbólicas que podem tomar significados distintos através da construção de cada grupo que se origina da sua vivência.

Compreender a paisagem a partir da memória é, assim, procurar a relação entre o sentimento de identidade do indivíduo com aquela paisagem. As dinâmicas sociais, assim como seus desdobramentos culturais, ocorrem como parte do processo de vivência do espaço onde estão inseridos. Adotaremos, portanto, o sentido de lugar como determinado espaço onde os indivíduos e grupos sociais estabelecem suas relações simbólicas, desenvolvidas a partir da apropriação para vivenciar esse lugar. Dessa maneira, temos o espaço da memória estabelecendo um vínculo fundamental com a vivência do espaço, podendo se estabelecer de forma direta ou não.

Fato é que a construção espacial ocorre no decorrer do tempo de vida dos indivíduos, sempre levando em conta como os mesmos vivem e a relação que estabelecem com a natureza. Através da vivência da paisagem proporciona compreender ela de maneira singular em relação ao indivíduo e até mesmo ao seu grupo pertencente, porém como se relaciona ao ato de vivenciar tal lugar, possibilita a diferentes indivíduos visões distintas possuindo influência clara das práticas sociais que se manifestam espacialmente por meio da simbologia, como Costa (2003) nos apresenta:

Essas práticas sociais contêm portanto, o simbólico dos lugares, onde as relações assinaladas por símbolos, estão representadas, por realidades materiais que irão formatar a paisagem, ou seja, o patrimônio material em suas mais diversas expressões bem como as manifestações imateriais identificadas pelos costumes,

Torna-se evidente, então, que a apropriação da vida e assim da vivência dos indivíduos define o lugar. Ou seja, o lugar possibilita a integração e socialização dos sujeitos e dos grupos culturais, podendo ocorrer em diferentes escalas, como cidades, bairros, ruas e praças, e possuem relação direta com as identidades locais que possibilitam a formação do lugar que se desenvolve de forma cognitiva nos indivíduos. Portanto, são as atividades do dia a dia que estabelecem a construção do espaço atrelado à cultura, possibilitando a edificação da memória do lugar.

Dessa maneira, podemos compreender que as relações que se estabelecem durante o cotidiano são responsáveis por unir de maneira mais "concreta" o indivíduo e o lugar, abrangendo as relações sociais e trajetórias dos grupos e de indivíduos distintos. Ainda devemos perceber, como recorda Claval (1997), que os nossos sentidos – tais como olfato, paladar, visão e audição – são fundamentais para se estabelecer uma percepção do mundo, de modo a se relacionar intimamente de forma espontânea com os lugares da memória.

Durante as últimas décadas do século XX, as discussões no campo da geografia vêm passando por um processo de renovação dentro da ciência, possibilitando o desenrolar de novas possibilidades quando tratamos da assimilação de novas dinâmicas sociais e espaciais que se manifestam no campo material e imaterial. Tal processo de renovação desenvolvido não só pela geografia, mas por diversas áreas nos campos das ciências humanas e sociais, tem seu desenrolar diretamente ligado às recentes reconfigurações pelo qual os processos sociais vêm passando, tendo em vista o avanço massivo da globalização, como afirma Alves (2010):

Espaço como construção social, em detrimento da perspectiva do espaço como um produto social ou como algo experimentado, seria um dos fatores responsáveis pelos muitos ganhos teóricos e metodológicos no debate da geografia recente [...] Estas geografias construtivistas, seriam, pois, um esforço de apreensão do espaço evitando os exageros materialistas e as exacerbações idealistas. (ALVES, 2010, p.83)

Esta nova dinâmica mundial de se fazer uma geografia moderna e estudar de forma tão singular as espacialidades, assim como as relações que se manifestam em determinado espaço também se reproduzem no Brasil. Os culturalistas dessa forma, segundo Chaoay (2001), apresentam no desenvolvimento de suas atividades determinada preocupação na manutenção da memória local sem agregar valores de importância histórica ou de beleza.

A discussão sobre a paisagem e todos os conceitos que esse termo abrange não se faz restrito apenas ao campo da geografia. No entanto, tal temática foi tradicionalmente incorporada à ciência geográfica em seus preceitos teórico-metodológicos, tendo como finalidade a identificação dos diversos processos que modelam o espaço. Dessa forma, o amplo conceito de paisagem se mostra extremamente relacionado à construção do conhecimento geográfico, principalmente quando são abordadas as questões que relacionam paisagem e memória a partir da geografia cultural, apresentando a necessidade de um estudo sensível sobre as temáticas abordadas.

No final dos anos 90, as novas abordagens da Geografia Cultural ganham força no Brasil a partir da virada cultural da disciplina, que ocorre devido ao sucesso das novas orientações relacionadas ao Núcleo de Estudos e Pesquisas em Espaço e cultura (NEPEC) "As novas diretrizes referentes ao modelo de Geografia Cultural que se desenvolvia neste momento, buscando uma maior percepção do espaço, e introduzindo na disciplina a utilização de mapas mentais e representações" (CLAVAL, 2012, p.14). Apesar da formação de geógrafos no Brasil não ocorrer de forma homogênea, os muitas vezes sofre influência de acessibilidade a qualificação das oportunidades apresentadas, o nosso país possibilita aos indivíduos que se interessam e que buscam esse caminho um amplo e surpreendente campo de pesquisa devido sua diversidade étnica que abrange todo território, viabilizando a exploração de temáticas diversas a partir da sensibilidade do indivíduo.

Ao abranger uma intensa variedade de temáticas a respeito da transmissão cultural e manutenção da memória, abordando seus impactos na formação espacial por meio do espaço vivido, a geografia acaba passando por obstáculos referentes a metodologias a serem trabalhadas dentro de tais contextos. Tais dificuldades surgem ao enfatizar o desenvolvimento dos trabalhos apenas sobre as perspectivas do sujeito, não viabilizando a compreensão do espaço em questão para além da experimentação. A alternativa pensada para superar tal problemática é abordada por Lindon (2008), propondo se pensar o espaço através da articulação entre o construído e vivido.

CAPÍTULO 3 - A IMPORTÂNCIA DA MEMÓRIA PARA A CONSTRUÇÃO ESPACIAL A PARTIR DA FAMÍLIA RUAS

As questões apresentadas nos dois primeiros capítulos a respeito das identidades culturais, simbologias, formas de transmissão de cultura e preservação da memória associados à formação

e percepção do espaço e transformação da paisagem foram necessárias para pensarmos as ideias que serão trabalhadas neste último momento ao longo do capítulo 3. Ao decorrer do último capítulo, iremos trabalhar as ideias apresentadas anteriormente a partir da análise de imagens, com a finalidade de compreender a relação da memória na compreensão espacial da minha família. No entanto, neste primeiro momento do capítulo, faz-se necessário a compreensão de referencial teórico para a utilização de fotografias no estudo das dinâmicas espaciais. A paisagem está, quase que de forma automática, associada à maneira visual que temos de perceber o espaço que nos rodeia.

A paisagem, desde o seu início, passa a ser compreendida como um fenômeno visual que abrange as manifestações socioculturais, assim como suas análises conceituais. Dessa maneira, a paisagem possibilita diversos enfoques sobre sua reflexão e as relações homem-natureza que ali se desenvolvem, servindo assim de manifestação sobre o que ocorreu ao longo do tempo e se reproduz espacialmente. No entanto, desde o aparecimento deste conceito, a discussão sobre seu caráter objetivo e subjetivo se faz presente, sendo necessário compreender a dicotomia sobre a temática. A obra "A filosofia da paisagem", de Georg Simmel, traz justamente a perspectiva que para se "ver uma paisagem" de forma consciente, faz-se necessário que determinado elemento do campo de visão nos atinja de forma única e quase espiritual. Apesar de tal questionamento quando tratamos do conceito de paisagem, é um fato que os desdobramentos de uma sociedade ao longo dos tempos e sua relação com o meio ambiente que o rodeia se encontram imprimidos nela através dos símbolos e significados. A paisagem, portanto, também está relacionada ao olhar do indivíduo, ou grupo social que a observa, podendo abranger diversas interpretações que se relacionam ao recorte espacial.

A memória familiar e sua perpetuação ao longo das gerações se mostra um dos principais fatores quando se fala da percepção espacial. Por meio da tradição oral e outras formas de transmissão de saberes que se manifestam na vivência familiar, mantém-se viva a memória que é construída diariamente a partir dos sentidos e que influencia na forma como determinado indivíduo observa, compreende e se manifesta no espaço familiar. Dessa forma, transitar constantemente entre o sul da Bahia e o leste mineiro, assim como meus antepassados e na sua companhia, teve um papel fundamental para estabelecer a visão que eu desenvolvi sobre determinada paisagem a partir da construção da memória familiar.

3.1 Memória e Paisagem

A análise da paisagem associada à cultura a partir de registros visuais tais como a pintura e a fotografia apresenta uma visão subjetiva e sensível, possibilitando uma visão ampla sobre os aspectos da paisagem, assim como as dinâmicas socioculturais que se ali se reproduzem. Na pesquisa científica, a imagem aparece como importante ferramenta para registrar as transformações da paisagem ao longo do tempo. Tal análise pode ser identificada por Coelho (2014):

A imagem, enquanto registro de diferentes tempos e testemunho de transformações urbanas, apresenta-se como um importante instrumento de pesquisa, assim, considerá-la como fonte para a investigação, somo conduzidas a um campo do conhecimento que trata das criações e produções humanas e valoriza os registros deixados pelo homem como uma experiência sensível do mundo, podendo-se oferecer à leitura e permitindo a apreensão de seus significados. (COELHO, 2014, p.1)

Podemos, assim, perceber a paisagem como algo visível, tendo como base suas amplitudes culturais que irão se desenvolver sobre preceitos metodológicos, possibilitando a compreensão de que as relações homem-natureza implicam na construção espacial. Tais manifestações da paisagem, originadas da transformação da natureza que contempla as relações culturais e sociais, estão repletas de significados que se desenvolvem ao longo do espaço-tempo, possibilitando leituras diversas.

Trabalhar com o conceito de paisagem está diretamente ligado a uma perspectiva de representação visual que pode se desenvolver sobre diversas técnicas — pinturas, fotografias e desenhos — e que pode abordar o mesmo "quadro" sobre diferentes perspectivas, dependendo de qual indivíduo a observa, podendo estabelecer uma relação com o coletivo. Muito antes do aparecimento das técnicas de fotografias, as pinturas foram repercussões quando tratamos de representação da paisagem.

O surgimento das representações sobre a paisagem como forma de pintura aparecem na Europa, – fazendo referência ao *Quattrocento*, do início do Renascimento – apresentando de forma inovadora o uso da perspectiva, mas que vão se alterando ao longo da história. Se quando tais obras surgiram, era costume sua configuração ser estabelecida em três planos, com uma janela ao centro e uma representação da paisagem ao fundo – sendo conhecidos como quadro janela – posteriormente, durante o modernismo, as paisagens ocupariam a totalidade do quadro, proporcionando uma visão ampla e realista.

No entanto, é em 1838, com a criação do daguerreótipo e o desenvolvimento da fotografia que, segundo Coelho (2014, p. 10), tal técnica continua produzindo representações da paisagem, contribuindo assim com sua popularização através de uma técnica mais acessível. Tais mudanças no processo de representação da paisagem a fazem mais acessível e dá origem a diversos modos de mídia que se desenvolvem no final do século XX. Para além disso, a transição da representação das paisagens a partir de pinturas para fotografia implica diretamente em transformações conceituais por meio da mudança de perspectiva do olhar que a fotografia proporciona.

Com a transformação dos meios de produção que se reproduzem pelo globo, faz-se necessário também a mudança no olhar sobre a paisagem, tendo como consequência o aparecimento da fotografia e as diversas possibilidades da representação da paisagem e as dinâmicas que ali se desenvolvem. A própria representação da paisagem em si é resultante de um processo de enquadramento e seleção de lemestor que o indivíduo busca representar.

Ao estabelecermos a imagem como base de dados quando tratamos da análise da paisagem, a fotografia possibilita a identificação de mudanças na paisagem ao longo do tempo. Assim, segundo Coelho (2014), "às imagens se apresentam como subsídio para a compreensão do tempo presente, possibilitando desvelar as diferentes camadas espaços-temporais superpostas na paisagem" (COELHO, 2014, p.11). Nesse sentido, a fotografia promove de forma extremamente palpável a observação das mudanças que as relações sociais promovem na paisagem ao longo dos anos, abrangendo também a dimensão simbólica. Ainda segundo a autora:

A proposta desse campo do conhecimento está centrada em decifrar a realidade do passado por meio de suas representações, tentando acessar àquelas formas discursivas e imagéticas, pelas quais os homens expressaram a si próprios e o mundo. Um processo complexo que busca a leitura de códigos de outros tempos através de indícios do passado que chegam até o tempo presente. (COELHO, 2014, p. 12)

A sensibilidade que essa forma de compreender o espaço apresenta é de extrema singularidade. As representações paisagísticas a fim de conferir características que representam a realidade, e através do imaginário que é possibilitado aos indivíduos que lêem a imagem estabelecer uma conexão entre passado e presente através da paisagem e se reproduzem e permanecem por meio de registros de diferentes virtudes.

Dessa maneira, as experiências que ocorrem de maneira sensível, sendo reproduzidas no espaço-temporal por meio de histórias, símbolos, imagens e danças, são reproduzidas no campo material e imaterial, possibilitando a construção do espaço a partir da cultura, utilizando assim dos símbolos imaginados do passado para compreender a realidade espacial do presente, fazendo referência ao cotidiano dos indivíduos presentes.

Portanto, ao trabalhar a imagem, faz-se necessário um exercício de leitura da mesma, procurando assim compreender seus sentidos e significados no plano simbólico. Outra possibilidade refere-se à busca da explicação de certa realidade a partir da sua origem, uma vez que as imagens apresentam vestígios das realidades que se reproduzem espacialmente, proporcionando dessa maneira uma narrativa que orientará o leitor através do imaginário. Tais ideias ainda são complementadas por Manguel (2003), que explica que qualquer imagem está apta a ser traduzida em uma linguagem compreensível, revelando ao seu espectador a narrativa sobre ela. Dessa forma, se faz necessária a compreensão da paisagem contemporânea a partir de uma sobreposição de tempo nesse espaço em questão, utilizando do presente para resgatar o passado.

A partir das ideias apresentadas anteriormente, nota-se que as imagens fotográficas são representações históricas e geográficas que apresentam em sua composição uma extensa gama de abordagens técnicas e uma tendência estética que se relaciona ao contexto na qual são produzidas. Tais variações apresentam sobre o mesmo tipo de matérias diversas visões da paisagem e das relações socioculturais desenvolvidas, promovendo assim uma sensível compreensão sobre o passado e sua relação com o presente. Este fator evidencia que é necessário o desenvolver de habilidades que possibilitem os indivíduos a função de analisá-las e que consigam desenvolver essa interpretação da melhor maneira possível. Sobre o caráter textual das imagens, Mauad (1996) afirma:

Historicamente, a fotografia compõe, juntamente com outros tipos de texto de caráter verbal e não verbal, a textualidade de uma determinada época. Tal idéia implica a noção de intertextualidade para a compreensão ampla das maneiras de ser e agir de um determinado contexto histórico: à medida que os textos históricos não são autônomos, necessitam de outros para sua interpretação. Da mesma forma, a fotografia - para ser utilizada como fonte histórica, ultrapassando seu mero aspecto ilustrativo - deve compor uma série extensa e homogênea no sentido de dar conta das semelhanças e diferenças próprias ao conjunto de imagem que se escolheu analisar (MAUAD, 1996 em COELHO, 2014, p. 13)

Com a finalidade de conferir uma análise de fotografias da paisagem como instrumento no desenvolvimento de pensamentos de cunho científico e ao se pensar as relações sócio-espaciais que se desenvolvem ao longo do tempo, é necessário, portanto, estabelecer determinado referencial teórico sobre tal tipo de análise. É partindo de tais princípios que Walter Benjamin desenvolve o método de montagem, que se relaciona à metodologia de caracterização da paisagem que a Geografia desenvolve.

A metodologia desenvolvida por Benjamin se baseia no manuseio das informações no estabelecimento de uma narrativa que abrange registros do passado e traços identificados, a fim de consolidar a construção e a compreensão do passado a partir de peças que se relacionam. Tal organização de elementos e de sua narrativa devem estabelecer uma leitura coerente das informações identificadas, como mostra a autora Sandra Pesavento (2005):

(...)é preciso recolher traços e registro do passado, mas realizar com eles um trabalho de construção, verdadeiro quebra-cabeças, capaz de produzir sentido. Assim, as peças se articulam em composição ou justaposição, cruzando-se em todas as combinações possíveis, de modo a revelar analogias e relações de significados, ou então se combinam por contraste, a expor oposições ou discrepâncias. Nas múltiplas combinações que se estabelecem, argumenta Benjamin, algo será revelado, conexões serão desnudadas, explicações se oferecem para a leitura do passado. (PESAVENTO, 2005 em COELHO, 2014, p. 15)

No entanto, ainda fazendo referência ao processo de montagem, Willi Bolle nos apresenta outra técnica para a compreensão da paisagem na fotografia e elemento constituinte da imagem de forma material ou simbólica. Tal processo pode ser identificado como montagem por superposição, sendo desenvolvida a partir da gradual tomada de consciência; sendo assim, no processo metodológico ocorre uma justaposição de personagens, elementos, formas e imagens.

Portanto, se torna evidente a análise de fotografias e imagens que representam a paisagem por meio de metodologias adequadas, tornando-se uma importante ferramenta para a compreensão espacial e sua relação com o docorrer do tempo. Dessa forma, pode-se perceber como a interação dos indivíduos com o espaço, atrelado à manutenção da memória, é fundamental tanto na construção da paisagem quanto na sua representação.

Com a finalidade de concluir as discussões levantadas ao longo do trabalho, é necessário compreender como a memória familiar auxilia na construção e compreensão do espaço associada à utilização de fotografias como instrumento para compreender as relações socio-espaciais com a paisagem. Assim, na última parte deste capítulo, será utilizada a leitura de imagens registrada ao longo dos anos por meus antepassados e por mim mesma, com a

finalidade de identificar elementos socioculturais e sua relação com a construção da paisagem no decorrer do tempo, assim como outros conceitos trabalhados anteriormente.

3.2 A construção da paisagem a partir das narrativas familiares: a oralidade como processo de construção espacial

Como foi mostrado ao longo do desenvolvimento deste trabalho, a família, assim como as tradições que a permeiam e que mantém viva as memórias contruidas no coletivo, são de extrema importância para a construção da percepção da paisagem e para as forma de vivenciar o espaço ao seu redor. No caso da minha família materna, a ligação entre o Vale do Jequitonhonha, Leste mineiro e o Sul da Bahia foi construída ao longo do passar dos anos através das gerações. Sempre foi de meu costume ouvir histórias contadas pelos mais velhos da minha família ou por pessoas próximas, ficava encantada com a paixão pelos acontecimentos do passado e a nostalgia com que as pessoas conseguiam transmitir, não só pelas palavras, mas tambem com seus gestos, ao se referirem àquilo que já passou.

Minha avó, Dona Jandira – que atualmente não consegue mais reproduzir as histórias que gostava tanto por conta do Alzheimer – sempre contava da sua juventude, que teve como principal "palco" o Vale do Jequitinhonha e o Sul da Bahia. Dentre tantas histórias transmitidas às gerações seguintes por meio da oralidade, recordo-me bastante da vó falando sobre as viagens que ocorreram por volta dos anos 40 entre a família e pessoas próximas da comunidade local, a cavalo e que duravam dias, entre Almenara-MG, até o litoral sul da Bahia, com a finalidade de visitar a igreja de Nossa Senhora d'Ajuda, símbolo da cultura católica que ainda se encontra com forte presença na paisagem. Em tais viagens retratadas por ela, era tradição levar consigo as comidas típicas – como a carne de sol – que seriam consumidas durante o período da viagem.



Figura 1: Dona Jandira Ruas na orla norte de Porto Seguro-BA, em 74 Fonte: Acervo pessoal

Muitos anos porém se passaram, e as viagens, que tinham como principal foco a manutenção de uma tradição através de festividades religiosas, deu espaço às férias de verão em familia, que se tornaram uma tradição ao longo das gerações, estabelecendo um vínculo com tal localidade através da memória afetiva. A imagem apresentada acima retrata justamente a época em que minha avó – juntamente à familia que ela estava constituindo – ia para região de Porto Seguro-BA passar férias. É possível identificar através de vários detalhes que se trata de uma representação paisagística referente ao passado: o modelo de imagem, assim como as cores, relacionada a traços como as vestimentas e a própia orla da cidade, que se apresenta ainda bastante preservada em suas condições naturais, indicando ainda baixos níveis de urbanização.



Figura 2: Vó Jandira Ruas e Vó Estércio Ruas com as filhas na praia de Porto Seguro, em 74 Fonte: Acervo pessoal

Durante os anos 80, a familia, que começou sua formação em Almenara, no vale do Jequitonha, acabou se mudando para Governador Valares, situada no Vale do Rio Doce, em busca de condições de vida melhores, o que uma cidade em desenvolvimento poderia proporcionar. Apesar da distância em relação ao litoral sul da Bahia ter aumentado, as tradicionais viagens permaneceram ao longo de anos; minha mãe sempre relata o quanto o vô Estécio fazia questão desses momentos, nos quais não havia luxo, mas reunia a família de cinco filhas em acampamentos na beirada da praia que duravam dias.



Figura 3: Vanuza Ruas em frente à Igreja Nossa Senhora da Pena, em Porto Seguro-BA Fonte: Acervo pessoal

Na imagem acima, podemos identificar minha mãe junto a um monumento em frente a Igreja Nossa Senhora da Pena, que se localiza na parte histórica da cidade de Porto Seguro, conhecida como Cidade Alta. Essa localização da cidade está repleta de monumentos e simbologias que fazem referência à época do descobrimento e topo o processo de colonização, e principalmente a imposição cultural que ocorreu no Brasil na epoca da invasão europeia e disseminação do processo colonial. Tais símbolos criados e estabelecidos pela parte domintante da sociedade que ali se estabelecia permenace vivo ao longo dos anos até os dias atuais, lembrando todas as gerações futuras não apenas o poder imposto como algo bom, mas também apresentando outros postos de vista sobre tais feitos históricos que se reproduzem espacialmente.

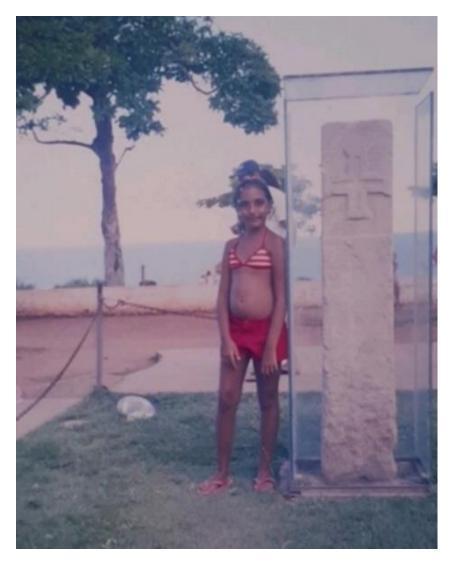


Figura 4: Camila Ruas em frente ao Marco do Descobrimento, Porto Seguro-BA Fonte: Acervo pessoal

Apesar da mudança referente à técnica utilizada para registrar a paisagem, a figura 4 se relaciona diretamente com a figura 3, pois as duas representam a mesma localidade. O marco do Descobrimento foi colocado pelos portugueses na Cidade Alta de Porto Seguro, representando assim um forte símbolo de dominação cultural. Para além disso, a imagem acima representa minha primeira ida a Porto Seguro. O momento foi um importante marco em minha vida, pois cresci ouvindo minha mãe e meus antepassados contando histórias sobre a cidade e finalmente foi possível explorá-la e conhecê-la através da minha interpretação e, ao mesmo tempo, mantendo viva a memória dos meus antepassados.



Figura 5: Camila Ruas e Vanuza Ruas em frente à Igreja de Trancoso, em 2019 Fonte: Acervo pessoal

Com o passar dos anos e das viagens, a ligação afetiva com a Costa do Descobrimento foi se intensificando cada vez mais. Foram muitas idas e vindas em que cada uma revivíamos e criávamos novas tradições familiares, que tinham como palco localidade tão especial. Esses momentos foram de extrema importância para a construção de uma memória afetiva além da consolidação da vivência espacial familiar, proporcionando que os indivíduos da mesma família compartilhassem memórias e símbolos refecentes ao lugar.

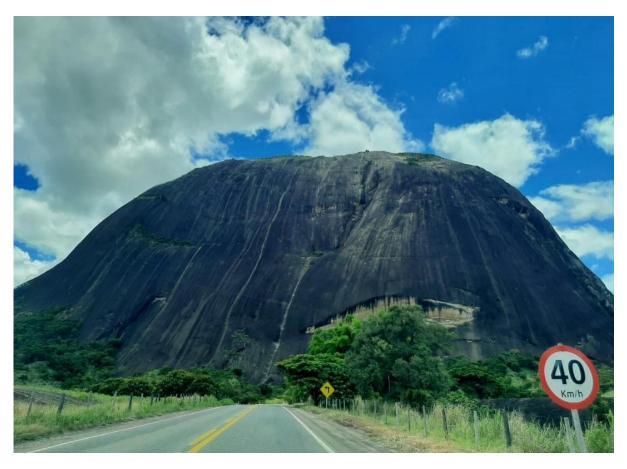


Figura 6: Pedra Kaladão, localizada na BR-418, em 2021 Fonte: Acervo pessoal

Além da vivência familiar proporcionada pela cidade de Porto Seguro, transitar pelos caminhos entre o litoral Sul da Bahia e o leste de Minas Gerais também proporcionou a identificação através da memória compartilhada com símbolos tradicionais locais. Na figura 6, está representada a Pedra do Kaladão, famoso marco ambiental localizado próximo à cidade de Timóteo e que recebe esse nome por conta do formato de boca próximo à base da formação rochosa, ocasionado por conta dos processos de erosão no local. Além do marco ambiental, próximo ao local se encontra a parada Kaladão, que promove o comércio típico local de gemas preciosas, além da culinária tradicional que representa elementos da cultura mineira e baiana, como queijo cabaça, farofa de carne de sol, biscoito de queijo frito e aipim cozido. Tais comidas típicas apresentam a vivência da paisagem a partir gastronomia, sendo símbolos identitários locais.



Figura 7: Baiana atrás da Igreja de Nossa Senhora d'Ajuda, em 2015 Fonte: Acervo pessoal

Ao crescer visitando a Bahia anualmente, sempre procurando desenvolver uma percepção crítica do espaço que me rodeia, a paixão pela fotografia atrelada ao desenvolvimento do pensamento geográfico possibilitou "lentes" e "ângulos" que conseguem identificar no espaço símbolos que, apesar de não se apresentarem de forma dominante, são de extrema importância para a construção de identidades culturais que sofrem com os processos de apagamento cultural desde à época da colonização. As baianas por exemplo, além de serem um importante símbolo da cultura local, se apresentam como fundamentais ao manterem a cultura ancestral viva ao longo das gerações por meio da tradição oral e da culinária típica. Mesmo com todas sua importâncias, é evidente como tal grupo é deixado de lado na hora do desenvolvimento de políticas públicas para apoiarem a cultural local. O grupo é encontrado facilmente em diversas partes da cidade, normalmente vendendo quitutes de maneira informal, junto a membros da própria família.



Figura 8: Crianças indígenas de Coroa Vermelha trabalhando nas praias de Porto Seguro, em 2021 Fonte: Acervo pessoal

Assim como as baianas, os indígenas que habitam a região da praia de Coroa Vermelha e se localizam no litoral norte sofrem com a falta de apoio de políticas públicas, assim como passam por um processo de invisibilidade proposto pelo sistema hegemônico que prioriza as culturas dominantes. Apesar da reserva Pataxó receber uma grande quantidade de turistas anualmete, que têm a oportunidade de conhecer as tradições e vivências desse grupo sociocultural, os indígenas ainda sofrem com a falta de recurso e desvalorização, sendo obrigados a comercializar artefatos de maneira informal no litoral da cidade em busca de maiores fontes de renda, utilizando elementos de sua identidade para a comercialização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do desenvolvimento dos três capítulos, foi necessário discorrer sobre diversos temas. Primeiramente, foi possível compreender sobre a cultura e sua relação com a sociedade por meio das identidades culturais e como isso reflete na construção do espaço simbólico. No segundo capítulo, abordamos a oralidade e sua relação com a transmissão de saberes e preservação da memória, a fim de compreender como as múltiplas narrativas são importantes para a construção espacial. E, para finalizar, no último momento, foi utilizado das técnicas de fotografia para compreender a vivência espacial a partir de uma perspectiva familiar.

O mesmo espaço, ou paisagem, pode ser vivenciado e observado diferentemente segundo indivíduos e grupos socioculturais. No entanto, torna-se evidente que a memória construída no individual ou coletivamente, através das identidades culturais que se mantém através das tradições orais é evidente. A memória, construída por meio das vivências e da tradição passada de forma oral, é um importante instrumento para a observação do espaço e também para sua vivência, imprimindo assim na paisagem símbolos que podem compreender múltiplas interpretações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A. CÂMARA, M.. OS MOVIMENTOS SOCIAIS DE BASE INDÍGENA E A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE SÓCIO- TERRITORIAL NA BOLÍVIA. **Espaço e Cultura UERJ**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 19, p. 71-78, 2005.

BARTHE-DELOIZY, F.; SERPA, A.. **Visões do Brasil**: estudos culturais em geografia. 1. ed. Salvador: SciELO Livros. p. 1-198, 2012.

BOTELHO, A. **Geografia dos sabores: Ensaio sobre a dinâmica da cozinha brasileira**. São Paulo, Revista Textos do Brasil, nº 13, p. 61 – 69, 2010.

BUSSOLETTI, D. M.; VARGAS, V. D. S; PINHEIRO, C. G.. A resistência da Oralidade pela cultura: experiências e práticas de uma griô. **Revista Prâkis**, Pelotas, v. 1, n. 1, p. 79-86, jan./2015.

CASTRO, I. E. D; GOMES, P. C. D. C; CORRÊA, R. L.. **Olhares Geográficos**: Modos de ver e viver o espaço. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. p. 135-153.

CLAVAL, P.. A geografia cultural. 2. ed. Florianópolis: UFSC, 2001. p. 9-88.

COELHO, L. C.. A Paisagem na Fotografia, os rastros da memória nas imagens. **Grupo de Pesquisa Identidade e Território**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 1-22, ago./2009.

CORRÊA, R. L.A dimensão cultural do espaço: Alguns temas. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 1-22, out./1995.

COSTA, O.. MEMÓRIA E PAISAGEM: em busca do simbólico dos lugares. **Espaço e Cultura UERJ**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 149-156, fev./2018.

EDUARDO, G.V.; CASTRO, V. D.. O conceito de Cultura e o estudo das sociedades complexas: uma perspectiva antropológica. **aas**, URRJ, v. 1, n. 1, p. 1-12, ago./2018.

ENNE', A. L. S. Memória e identidade SociaI. **Universo UFRJ**, Rio de janeiro, v. 1, n. 1, p. 7-20, ago./2021.

GRATÃO, L. H. B; JÚNIOR, Eduardo M. Sabor, da, na e para a Geografia. **Geosul**, Florianópolis, v. 26, n. 51, p. 59-77, jun./2011.

GUIMARÃES, P. M.. Da memória dos lugares aos lugares sem memória: construção espacial em Manoel de Oliveira. **Visualidades**, GoÂnia, v. 12, n. 1, p. 183-195, jun./2014.

HALL, S.. **A Identidade Cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p. 7-99.

HOLZER, W.. A Geografia Humanista: uma revisão. **Espaço e cultura**, UFF, v. 3, n. 3, p. 8-19, jan./1997.

JR., E. M.. Arqueologia Fenomenológica: em busca da experiência. **Terra Livre**, Goiânia, v. 2, n. 25, p. 67-79, jan./2021.

MATHEUS, L.. Memória e identidade segundo Candau. **Galáxia**, São Paulo, v. 1, n. 22, p. 302-306, dez./2011.

MATTA, R.. Você tem cultural. Jornal da Embratel, Rio de Janeiro, p. 1-4, 1981.

MELLO, J. B. F. D. **SÍMBOLOS DOS LUGARES, DOS ESPAÇOS E DOS "DESLUGARES"**: Espaço e Cultura . 1. ed. Rio de Janeiro: UERJ, 1993. p. 167-174.

MORAIS, L. P. D. Culinária Típica e Identidade Regional: A expressão dos processos de construção, reprodução e reinvenção da mineiridade em livros e restaurantes de comida mineira.. 1. ed. Belo horizonte: UFMG, p. 10-153, 2001.

MORAES, A. C. R.. **Geografia**: **Pequena História Crítica**. 20. ed., São Paulo: Annablume, 2005

Netto, M. M. O Mercado Central de Belo Horizonte: entre queijos e sabores. 2(1),53-67,2012.

POLLAK, M.. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-2012, jun./1992.

SOUSA, P. P. A. D. As geo-gráfias da memória: O lugar festivo como biografia espacial. **R. RA** ?**E GA**, Curitiba, v. 1, n. 20, p. 81-93, mar./2010.

SOUTO, A. D. R; SANTOS, J. N. D. Oralidade e cultura popular na sala de aula. **Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas**, Porto Alegre, v. 04, n. 1, p. 1-7, jun./2008.

SOUZA, M. L. D. **Os conceitos fundamentais da pesquisa socio-espacial**. 1. ed. Brasil: Bertrand Brasil, 2003. p. 111-134.